

Os mosaicos do “santuário” de Milreu, Estói (Algarve), no contexto de uma nova interpretação.

DENNIS GRAEN*

RESUMO

Em 1877 S. P. M. Estácio da Veiga encontrou mosaicos que representavam peixes e outras criaturas marinhas, no *podium* de um edifício de planta quadrada, com ábside, perto da *villa* romana de Milreu, em Estói (Algarve).

Parte destes mosaicos foram mais tarde transferidos para o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, enquanto que dos deixados *in situ* e que representavam figuras míticas marinhas, apenas se conserva o registo fotográfico. O edifício, em cujo *podium* os mosaicos foram encontrados, pode ser interpretado, devido à sua estrutura, como um mausoléu. Representações com temática marinha são frequentemente encontradas no contexto funerário e podem ser interpretadas como uma alegoria a uma vida tranquila e feliz após a morte, exprimindo assim o desejo do *dominus* da *villa*.

Arquitecturas idênticas apresentam as *villae* de São Cucufate (Vidigueira, Alentejo) e Quinta de Marim (Olhão, Algarve). O edifício de São Cucufate é provavelmente uma cópia do de Milreu, enquanto que o da Quinta de Marim, de cronologia mais antiga, serviu de modelo arquitectónico. Ambas estruturas devem ser interpretadas como monumentos funerários. A arquitectura e a iconografia do edifício de Milreu, encontram paralelos em Itália e em Roma, propriamente dita, e representam a preocupação dos *domini* das *villae* na selecção da sua última morada.

Palavras-chave: arqueologia romana – mausoléu – mosaicos – iconografia funerária

* Friedrich-Schiller-Universität, Jena, Alemanha. E-mail: dennis.graen@gmx.de

ABSTRACT

In 1877 S. P. M. Estacio da Veiga discovered mosaics depicting fish and other sea creatures on the podium of a square-shaped building, with an apse, near the Roman villa of Milreu (Estoi, Algarve). Fragments of these mosaics were later transferred to the National Archaeological Museum in Lisbon, while some of those, showing mythical sea creatures, were lost, just a photographic record of them survived. The building where the mosaics come from can be interpreted, on the basis of its architecture, as a mausoleum. Images of marine subjects are often found in funerary contexts and can be interpreted as an allegory of an easy and happy after-life, thus representing the hope of the villa's owner concerning this subject.

The buildings at São Cucufate (Alentejo) and Quinta de Marim (Olbão, Algarve), are of similar architecture. The building at S. Cucufate is probably a copy of Milreu, while that at Quinta de Marim, of earlier chronology, provided the architectural model to S. Cucufate and Milreu. Both structures might be also interpreted as funerary monuments.

Their architecture and iconography find other parallels in and around Rome itself, and are a testament to the owner's high desire in the selection of his last resting place.

Key-words: Roman Archaeology – mausoleum – mosaics – funerary iconography

1. ESTÁCIO DA VEIGA E AS INVESTIGAÇÕES EM MILREU

A história da pesquisa arqueológica do Algarve – e da arqueologia portuguesa em geral – é indissociável da figura proeminente de Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, nascido em Tavira. O seu contacto com a alta sociedade de então, nomeadamente com D. Fernando II, permitiu-lhe angariar fundos para as suas investigações arqueológicas e históricas (Santos, 1997).

Entre os anos de 1877/78 e 1882 realiza escavações em diversos sítios arqueológicos no Algarve. A sua pesquisa compreende um espaço de tempo que vai desde o Paleolítico até à época Islâmica e está publicada na obra de 5 volumes, «Antiguidades Monumentais do Algarve». A sua obra é considerada, a par de outras, no século XIX, como uma das primeiras publicações de cariz científico, no âmbito da arqueologia. Utilizando meios técnicos avançados para a época, como o pantógrafo e teodolito, e um grande número de trabalhadores públicos, conseguidos através dos seus contactos com a alta sociedade de então, obteve extraordinários resultados e um grande número de materiais, que hoje fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia.

Estácio da Veiga reservou o período entre 1883 e 1891 exclusivamente para o trabalho de redacção da sua obra; no entanto, até à data da sua morte, apenas 4 volumes foram publicados, ficando a faltar os volumes respeitantes às épocas romana, paleocristã, visigótica e islâmica.

Os trabalhos mais relevantes sobre a *villa* de Milreu, após Estácio da Veiga, foram efectuados entre 1971 e 1994 pela subdivisão de Lisboa, do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid sob a direcção de Theodor Hauschild, da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e do Museu

Monográfico de Conimbriga. Desde 1997 decorre em Milreu um projecto de investigação, financiado pela Fundação Fritz Thyssen (Alemanha), sob a direcção de Felix Teichner (Teichner, 2001).

Actualmente na *villa* de Milreu podem-se observar estruturas que formam um clássico peristilo romano (fig. 1). Situado a sul encontra-se no peristilo, um embasamento revestido de mosaicos com representações de peixes e uma piscina central. A oeste encontram-se estruturas pertencentes a um *triclinium*. A sudoeste são visíveis termas com *apodyterium*, *caldarium*, *tepidarium* e vários *frigidaria*, além de uma grande piscina. A leste do peristilo é visível a casa de habitação, a chamada *pars privata*, cujo centro possui um *atrium*, onde se agrupam diversas salas de pequenas dimensões, entre as quais, a cozinha (Santos, 1972; Hauschild, 1997; Teichner, 1997; Hauschild; Teichner, 2001).

Nos anos 80 do séc. XX foram descobertas, sob uma casa rural da época moderna, outras 'termas' decoradas com mosaicos geométricos policromáticos. A oeste encontraram-se 4 salas igualmente decoradas com mosaicos geométricos. A noroeste e a nordeste da casa central da *villa*, são visíveis diversos centros de produção (*partes rusticae*), que seriam o suporte económico dos *domini* da *villa* (Hanel, 1989; Teichner 2001).

Os testemunhos mais antigos da *villa* foram apontados para o primeiro quartel do século I d. C. (Teichner, 1997). Assim como a maioria das *villae* da região, a *villa* de Milreu após várias remodelações e ampliações, sofreu, no começo do século IV d.C. uma dramática modificação (Teichner, 1997), motivada não só por questões sócio-económicas, mas também por um suposto tremor de terra, que terá atingido a região por volta do ano 300 d.C. (Lancha, 2002, p. 10).

2. O "SANTUÁRIO" DE MILREU: UM MAUSOLÉU

Numa das remodelações foi erigido um edifício inclinado virado para a entrada principal da *villa*. Isto, por sua vez, encontra-se numa rua de acesso local, extremamente bem preservada (fig. 2). Quer o edifício posteriormente construído quer a *villa*, propriamente dita, são desde 1877, alvo de constante interesse por parte dos investigadores.

Este edifício de Milreu é conhecido na literatura da especialidade como sendo um "templo", um "santuário da água", ou *nymphaeum*, que se caracteriza pela sua excepcional arquitectura e decoração (Hauschild, 1964; Hauschild, 1984/88; Hauschild; Teichner 2001; Hauschild 2002).

Trata-se de uma construção sobre um *podium*. O edifício é de planta quadrada, construído por tijolos (*opus testaceum*) e prolonga-se para sul em abside (fig. 3).

O centro da estrutura formado pela *cella*, é rodeado por uma galeria de colunas com uma cornija simples, e cujos fragmentos ainda são visíveis (fig. 4).

Fragmentos de peças trabalhadas em mármore, depositadas no Museu de Faro (fig. 5), e ranhuras escavadas no estilobato, entre as bases das colunas (fig. 6), confirmam que a galeria era cercada por uma balaustrada de placas. Buracos de pinos nas paredes de tijolo do espaço interior, indicam que estas foram revestidas de mármore (*opus sectile*). A abóbada no interior da *cella* era decorada por um tecto de mosaicos, composto por *tesserae* de vidro e partes folheadas a ouro, como se pode confirmar pelos inúmeros fragmentos encontrados nas escavações do IAA.

Paralelos para este tipo de decoração podem ser encontrados na Península Ibérica nomeadamente, em Centcelles perto de Tarragona, cuja a cúpula é revestida a mosaicos (Schlunk, 1988).

Um dos fenómenos mais interessantes do edifício, são os mosaicos que estão parcialmente conservados *in situ* no *podium*. Estes decoravam toda a parede do *podium*.

Neste artigo serão apresentados, pela primeira vez, todos os fragmentos e desenhos que se encontram no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa e no Museu "Dr. Santos Rocha", na Figueira da Foz.

O friso de mosaico da parede do *podium* (fig.2) tem cerca de 90 cm de altura e um comprimento total de 52 m. A imagem mais fidedigna da figura representada, é dada pelos fragmentos encontrados *in situ* a leste e a oeste do *pronaos/narthex*, no lado norte da construção. O friso é percorrido em cima e em baixo por uma faixa policromática entrançada, na qual duas cordas, uma vermelha e outra amarela, estão entrelaçadas. Entre as faixas entrançadas, sobre um pano de fundo branco, nadam diferentes peixes, golfinhos, barcos, criaturas marinhas e, muito provavelmente, homens. Os peixes e os golfinhos estão representados de perfil. No friso estão ainda espalhados desenhos sequenciais soltos, que simbolizam a água ou as ondas, ordenados em diferentes níveis e representados por tiras horizontais com cerca de 10 cm de comprimento, dispostas de duas em duas filas e compostas por *tesserae* de tonalidade negra.

Para além destes, estão espalhados outros motivos da fauna marinha; figuras ovais com um desenho interior central em forma de onda, provavelmente representariam uma concha do tipo *spondylus*. Corpos amarelos e vermelhos de forma circular denteados, que aparentam girar, retratariam possivelmente ouriços-do-mar ou medusas.

Iniciando uma descrição detalhada do lado noroeste da construção, pode-se observar no bordo direito da parede norte, fragmentos da parte traseira de um

pequeno peixe de tonalidade vermelho-claro. Encontram-se também representados, um grupo de três peixes (fig.7). Os peixes representados em cima e em baixo são de coloração cinzenta, o peixe que se situa no lado direito é esguio e o que está sob este apresenta pequenas dimensões. Ambos nadam para o lado esquerdo. O peixe situado a meio é o único, desta parte do friso, que nada para o lado direito, tem tonalidade avermelhada e estrutura larga; infelizmente encontra-se fragmentado na zona da cabeça.

Pormenor que chama a atenção é o facto de todas as representações de peixes possuírem a boca e os olhos compostos por minúsculas pedras de diversas formas. Os olhos são redondos e brancos, circundados por pequenas *tesserae* de coloração negra, com uma pupila redonda e de igual tonalidade. As brânquias têm a forma de um “T” e são vermelhas, em todos os desenhos. Todos os peixes são representados com contornos escuros e um sombreado mais claro, que se prolonga até à parte ventral, dando a sensação de tridimensionalidade. A identificação da espécie é difícil, pois estes são retratados graficamente e não na sua forma natural.

O grupo de três peixes segue um golfinho com cerca de 90 cm de comprimento (fig. 8). Este possui duas barbatanas vermelhas, uma sobre a cabeça e outra na parte de trás das costas. A barbatana traseira tem forma de uma foice e é também, como o resto do corpo, de tonalidade vermelho-claro. A boca é do mesmo tom e está levemente aberta, sendo visíveis dentes negros pequenos e pontiagudos. A parte de trás do corpo balança de forma serpenteante, enquanto que a parte da frente se mantém levantada sugerindo um movimento natural. Mais à frente são visíveis dois peixes de tonalidade cinzenta e vermelha, que nadam de forma inclinada e contorcida para cima (fig. 9).

O friso lateral do *pronaos* frontal está bastante fragmentado e nele estariam representados peixes, um golfinho e pequenos animais marinhos (fig.10). O friso, na parte esquerda da parede do *podium*, também se encontra fragmentado. A parte melhor preservada encontra-se no lado direito.

Neste lado e à esquerda de um canal de água, posteriormente construído, encontra-se a parte frontal de mais um golfinho (fig.11), um pouco diferente dos anteriormente descritos. A barbatana da cabeça é quase branca e apenas tem um contorno a vermelho. Extraordinária é a representação dos olhos; ao contrário dos olhos circulares dos peixes e dos outros golfinhos, os olhos deste exemplar têm a forma de uma amêndoa. Além disso, o uso de minúsculas *tesserae* triangulares dá ao animal uma expressão mais viva e uma maior originalidade. À sua frente nada um gracioso peixe cinzento inclinado para cima. No lado esquerdo e em baixo encontra-se uma figura turbilhante, o fragmento de uma barbatana traseira de um peixe de coloração cinzenta e um elemento, que aqui aparece pela primeira

vez. Trata-se de um triângulo composto por filas de *tesserae* de coloração branca e negra e de uma figura constituída por duas cordas de *tesserae* pretas em forma de V, que provavelmente representariam um pequeno animal marinho.

Pormenor interessante encontra-se a cerca de 2,5 m a oeste, no bordo inferior do friso, onde se observa um pé humano com cerca de 10 cm, virado para o lado direito (fig. 12). Se pretendêssemos reconstituir a figura a que este pertenceria, veríamos que ocuparia o friso em toda a sua altura. Contudo, a figura humana não estaria destacada, no que diz respeito ao seu tamanho, em relação aos peixes e aos moluscos.

No lado leste muito pouco da decoração do mosaico foi conservada. A faixa entrançada preservada em comprimento e os fragmentos visíveis dos abdomens dos peixes, confirmam que este circundaria, por completo, o *podium*. Na ábside apenas uma fracção da faixa entrançada, na parte inferior, está conservada. A oeste, também, muito pouco da decoração do antigo mosaico foi preservada.

No livro de inventário do Museu do Algarve, elaborado por Estácio da Veiga, e que actualmente se encontra no arquivo do MNA, em Lisboa, encontram-se os seguintes registos: Faro – caixa 45: “peixe pequeno de mosaico, tirado do edifício N.º 11 do Milreu”; Faro – caixa 46: “peixe grande de mosaico, do edifício N.º 11 do Milreu”; Faro – caixa 47: “dois peixes unidos de mosaico, do edifício N.º 11 do Milreu”; Faro – caixa 48: “polvo de mosaico, do edifício N.º 11 do Milreu”; Faro – caixa 61: “mosaicos com fragmentos de peixes, achados no edifício N.º 11 do Milreu”.

O “edifício N.º 11”, a que Estácio da Veiga se refere (Veiga, 1880; fig. 34), corresponde à construção acima descrita. Por conseguinte foram retirados deste edifício vários fragmentos de mosaicos representando diversos peixes, assim como o de um polvo, que foram transportados para o Museu do Algarve. O acervo do Museu do Algarve está hoje guardado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Com o número de inventário 18 686 existe um fragmento de mosaico que representa um peixe de tonalidade cinzenta que nada para a lado esquerdo (fig. 13). Os registos de inventário do antigo Museu Lisbonense datam a sua entrada na instituição de 1894, data em que o acervo do Museu do Algarve terá sido integrado. O peixe é idêntico aos exemplares encontrados *in situ*, no *podium*, (olhos, boca, linha de contorno inferior, brânquias e barbatana traseira) o que indica que pertence ao mesmo grupo. Além disso, o fragmento está representado no desenho n.º 25 C, elaborado por Estácio da Veiga (fig. 14), que apesar de bastante impreciso, contém a seguinte anotação: “do muro G e G’ do edifício 11 da planta n.º 25”, o que não deixa dúvidas quanto à proveniência do fragmento.

O fragmento de mosaico n.º 18 693 representa um peixe de coloração bege-laranja, cuja barbatana traseira, ao contrário de todas as outras, não é bifurcada (fig.15). O tratamento da boca, dos olhos, e da linha de contorno inferior é no entanto idêntico ao dos outros peixes. No lado direito e em baixo está representada uma figura que provavelmente seria uma espécie de marisco, ou um búzio. O fragmento pertence ao edifício, acima referido, uma que vez Estácio da Veiga o retrata no desenho n.º 25 C (fig.14).

Uma criatura marinha completamente diferente é caracterizada no fragmento de mosaico n.º 18 699. Trata-se de um choco (fig.16). Os olhos e o sombreado são representados da mesma forma que o dos peixes. O fragmento de mosaico pertence, segundo Estácio da Veiga, à caixa 48 – Faro e estaria integrado no referido edifício.

No fragmento n.º 18 689 (fig.17) estão representados: uma faixa entrançada, o fragmento de uma cabeça de um peixe e a parte inferior do corpo de um peixe. No canto inferior do bordo esquerdo encontra-se a já mencionada linha de contorno preta que aparenta cercar a água, que é figurada em degraus. No lado direito está representado um fragmento de um choco e no bordo direito, a barbatana traseira de um peixe de tonalidade cinzenta. Características que não deixam dúvidas quanto à proveniência do fragmento.

Sob o número 18 677 encontram-se reunidos três fragmentos que representam três corpos redopiantes policromáticos, já anteriormente descritos e semelhantes aos encontrados *in situ* no *podium*, os quais provavelmente representariam moluscos ou medusas (fig.18).

Os “dois peixes unidos”, mencionados por Estácio da Veiga na caixa 47 – Faro, estão presentes no fragmento n.º 18 700 (fig. 19). Trata-se de um fragmento de mosaico em forma de V que têm representado em um cada um dos lados dois peixes, de tonalidade vermelha e cinzenta, que nadam em direcções contrárias e que se tocam com as barbatanas traseiras. Este aspecto é bastante interessante, pois a maioria dos outros peixes representados estão colocados paralelamente e nadam numa só direcção. A técnica construtiva é semelhante (olhos, boca, etc.), aos fragmentos anteriormente descritos, o que confirma uma proveniência comum.

Do fragmento de mosaico n.º 18 680 apenas se conservou a barbatana traseira de um peixe, de tonalidade cinzenta, que nada para o lado esquerdo (fig.20).

O fragmento n.º 18 706 representa uma cabeça e uma parte traseira de dois peixes de tonalidade cinzenta, dispostos paralelamente um sobre o outro em diferentes direcções (fig.21). Curiosa é a indicação do local do achado: Torre d’Ares – que corresponde à antiga cidade de *Balsa*. O fragmento provém certamente do material da escavação de 1877, realizada por Estácio da Veiga, e que foi

transferido para o MNA, em 1894, conjuntamente com outros fragmentos. Uma vez que, a representação da boca, dos olhos, da linha inferior de contorno de tonalidade negra e das brânquias, é exactamente idêntica aos exemplares anteriormente citados. Baseado nisto, pode-se concluir que este fragmento pertenceria ao *podium* do edifício de Milreu e que as indicações do local de origem estariam incorrectas, possivelmente devido às diversas mudanças ou então, a um erro de registo ocorrido ainda no tempo de Estácio da Veiga. Pois este realizou, em 1877, escavações em Milreu, em Torre d'Ares e em outros sítios do período romano, no Algarve. Porém, existe a possibilidade de que o fragmento realmente provenha de Torre d'Ares e que estejamos perante um mosaico produzido na mesma oficina que os de Milreu. Todavia a primeira opção será a mais provável.

O fragmento com o n.º 18 701 (fig.22) apresenta um elemento extremamente interessante para a interpretação do conjunto do mosaico. Neste está representado a proa de um barco de pesca do tipo "Vegeia" ou "Placida".¹ No fragmento encontra-se ainda, conservada a barbatana traseira de um peixe o que prova, após comparação com os restantes peixes, que este fragmento provém do mesmo edifício.

Infelizmente, a parte mais relevante do friso de mosaico não foi preservada. Somente através do registo fotográfico, efectuado por A. M. Xavier de Meirelles nos anos 90 do séc. XIX, se pode observar o que estaria representado no friso (fig.23). Na fotografia reconhece-se nitidamente o que seria um mosaico de parede, no muro do *podium*. Num segundo plano é visível o muro de tijolos da *cella*. No bordo esquerdo do mosaico está representado um tritão, figura que segundo a mitologia, seria representada por um torso humano e um corpo em forma de serpente, que terminaria com uma barbatana traseira em forma de foice, semelhante à dos golfinhos anteriormente descritos. Porém, o tritão figurado no mosaico apresenta no corpo duas pequenas barbatanas. Este encontra-se fragmentado na zona da cabeça, e está representado de braços levantados segurando nas mãos uma concha. À sua frente encontra-se um lobo marinho. O torso do animal representa um lobo e o resto do corpo uma serpente. Apesar de estar, em grande parte, fragmentado na zona da cabeça, é visível que se encontra com a boca bem aberta e de língua de fora. O seu torso termina em patas com longos dedos e o corpo em forma de foice. No bordo inferior do mosaico é ainda visível uma faixa entrançada.

¹ A elaboração de uma tipologia para as embarcações romanas foi conseguida através do estudo do mosaico de *Althiburus* (Tunísia), do século III (Foucher, 1957; Höckmann, 1985).

Contudo, as fotografias a preto e branco não fornecem detalhes sobre as cores do desenho. Todavia encontra-se preservada, no arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, uma ilustração colorida do mesmo fragmento, que nos fornece informações de como, provavelmente, seria o mosaico (fig.14). Sendo assim, o corpo em forma de serpente das duas criaturas marinhas seria representado a azul. A parte existente entre o torso e o corpo do tritão e do lobo-marinho, seria de tonalidade amarela. As barbatanas traseiras em forma de foice seriam de coloração vermelha, semelhantes às dos golfinhos descritos. O torso humano seria de tonalidade natural. Porém, o desenho do mosaico é impreciso, uma vez que o desenhador representou o tritão como sendo um centauro marinho, ao colocar-lhe as pernas de um cavalo.

Na legenda da fotografia pode ler-se: “*Concelho de Faro – Freguezia de Estoy. MILREU. Monstros mythologicos figurados em mosaico no muro de oeste de um edificio antigo*”. A proveniência do mosaico acima descrito, para além de ser confirmada pela legenda da fotografia é ainda, comprovada pelo canto direito da parede do *podium*, onde é visível um muro na parte da frente. Este pertence a um baptistério, construído posteriormente, aquando da adaptação do edifício a igreja cristã. A construção deste muro preservou o muro oeste do *podium*, referido na fotografia, e parte do friso de mosaico (fig. 24) onde, aproximadamente a meia altura, é visível a faixa entrançada. A cerca de 90 cm de altura, no muro do *podium*, um pequeno fragmento do mosaico encontra-se preservado *in situ*. No bordo inferior do mosaico são visíveis, quase sobre a faixa entrançada, dois fragmentos de coloração cinzenta, com cerca de 10 cm e 5 cm de comprimento, e um triângulo amarelo que, após um estudo exaustivo, revelou ser parte do corpo de um tritão. O triângulo amarelo pertenceria à parte intermédia entre o torso humano e o corpo em forma de serpente.

In situ no lado leste, do muro do *podium* (fig. 25), encontra-se um fragmento de mosaico com as mesmas características. Tal como o anteriormente descrito este, provavelmente, representa parte de um tritão ou de uma criatura marinha semelhante.

No Museu Santos Rocha, na Figueira da Foz, encontra-se um fragmento de mosaico que representa uma perna de um animal com casco (fig. 26). Se esta fizesse parte do friso, a figura, provavelmente, pertenceria a um centauro marinho ou a outra criatura mitológica. Porém, desconhece-se representações de animais com casco, em Milreu.

Este facto comprova, que para além de peixes, golfinhos e outros animais marinhos (chocos, moluscos, ouriços e/ou medusas), também estariam representados no friso barcos, seres humanos e figuras marinhas mitológicas.

O mosaico no *podium* do edifício, é muito semelhante aos mosaicos que se encontram no peristilo, da *villa* vizinha, (fig.27) e numa pequena pia das termas. Tal como caso no anterior, a totalidade do mosaico foi reconstituída a partir de uma fotografia (fig.28). Os peixes foram representados um pouco mais largos do que os do friso. Porém, os paralelos iconográficos são limitados, porque a forma geral dos peixes é diferente. Mas por exemplo a representação dos olhos, da boca e da linha inferior de contorno são semelhantes, para não dizer, iguais.

Th. Hauschild, A. Balil, F. Acuña Castroviejo e ultimamente M. Durán Kremer afirmam que os mosaicos de Milreu, integram-se num estilo proveniente do Norte de Portugal e da Galiza (Acuña Castroviejo, 1974; Balil, 1975; Hauschild, 1994; Durán Kremer, 1998). Muito provavelmente, pertenceriam à mesma escola, a qual se inspira nas oficinas da Província da *Africa Proconsularis* (Bulla Regia, Utica, Thuburbo Maius et. al.). Nesta região do Império Romano, os mosaicos eram feitos com representações de peixes, de fauna marinha e de outros motivos como por exemplo, o chamado *thíasos do mar*, usado desde do séc. II d.C. até a época Paleocristã (Donati; Pasini, 1997; De Puma, 1969; Dunbabin, 1978; Belz, 1978; Neira Jiménez, 1994).

A estampilha de um tijolo, proveniente dos muros da *cella*, com a inscrição "VER FRONTINIANI", poderá datar, devido à sua tipologia, a construção entre a Tetrarquia tardia e o início do Império Constantiniano (Rasch, 1984; Rasch, 1993). Um capitel coríntio deste edifício, conservado no Museu "José Formosinho" em Lagos, poderá datar do primeiro quartel do século IV d.C., embora não se encontrem paralelos que o confirmem (Gutiérrez Behemerid, 1992).

A arquitectura do edifício encontra paralelos tipológicos na região de Roma e em Roma, propriamente dita. Aí, no séc. III e IV, existem construções da planta arquitectónica idêntica (uma *cella* quadrada com ábside), por exemplo nas necrópoles da Via Ostiense e da Via Appia (Fornari, 1916; Tolotti, 1953; Tolotti 1983; Graen, 2005). Estes tipos de mausoléus encontram-se também noutras regiões do Império Romano: por exemplo na ilha de Lipari (Bernabó-Brea; Cavalier; Villard, 2001, p.184-187), perto da *villa romana* de "La Selviccia" na província de Viterbo (Incitti, 1992), em Sirmium (Milošević, 1971) ou em Colónia (Päffgen, 1992) e mesmo em Espanha, perto da *villa* de Los Castillejos/Badajoz (Aguilar Saenz; Guichard, 1999, p. 57 ss.; 69) e na de Carranque/Toledo (Fernández-Galiano Ruiz; Gálvez Ayllon, 2001). O chamado "*Tempio di Portuno*" (um mausoléu), em Porto/Fiumicino, perto de Ostia (fig. 29) e o mausoléu do Imperador Gallieno na Via Appia, perto de Roma (fig. 30), foram as construções responsáveis, numa época tardia (Altmann, 1906; De Rossi, 1997), pelo equipamento dos mausoléus com elementos de luxo – como por exemplo uma perístasis – e pelo desenvolvimento

das grandes edifícios centrais (*Zentralbauten*). Este tipo de edifício tem como expoente máximo o mausoléu do Imperador Diocleciano, em Espalato/Dalmácia (fig. 31), o de *Tor de Schiavi*, em Roma, (fig. 32) e o mausoléu do Imperador Maxêncio, na Via Appia (Rasch, 1984; Rasch, 1993; Marasoviç, 1982, Wilkes, 1986). Com a introdução do cristianismo, a linha arquitectónica é mantida com os mausoléus da família do Imperador Constantino, como o mausoléu de Helena (fig. 33), ou o de Constantina (hoje Igreja de Santa Costanza). Estas estruturas são denominadas, em Roma, como "*Obergadenrundbauten*" e foram construídos como prédios anexos a uma igreja cristã (Tschira; Deichmann; Rasch, 1998; Brandenburg, 2004, p. 55-89). O edifício de Milreu enquadra-se, evidentemente, na tipologia destes grandes mausoléus que ocorrem no início do século IV.

As semelhanças arquitectónicas com os templos galo-romanos, sempre muito discutidas, são mais do que meras coincidências. A influência da arquitectura religiosa galo-romana espalhou-se nas regiões a leste a oeste do rio Reno (França, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça) e no Sul da Britânia, entre os séculos I e III d.C. Após este período, não se registaram novas construções em estilo celta, género que no século I d.C. foi adaptado pelos romanos, nas províncias do Noroeste, de acordo com uma *interpretatio romana* (Koethe, 1933; Oelmann, 1933; V. A., 1996).

Em 1877, Estácio da Veiga, regista numa das suas plantas uma pia de água, de forma hexagonal, no interior do edifício (Veiga, 1880; fig. 34). Quer a pia de água quer os mosaicos com fauna marinha, levaram a que o edifício fosse interpretado como um templo dedicado a ninfas ou a um culto aquático (Hauschild, 1964; Santos, 1972; Hauschild, 1984/88; Hauschild; Teichner, 2001; Hauschild, 2002). A função de templo é um tema pertinente, e está sempre ligado à existência da pia hexagonal. Além as paredes do *podium* possuem aberturas para a circulação de água, que evidentemente aparentam terem sido construídas posteriormente, porque as aberturas do lado de Norte destroem os mosaicos parcialmente. Este facto leva-nos a que se possam cogitar novas interpretações em relação à função do edifício. Uma nova interpretação explicaria, por exemplo, o motivo pelo qual se terá construído um rico templo pagão, num período em que o cristianismo se expandia. Outro facto curioso, é o de estruturas de circulação de água estarem associadas à realização de cerimónias fúnebres, onde comida, vinho e água fresca eram servidos. Por exemplo, na necrópole de *Isola Sacra*, perto de Ostia, e noutros locais, foram encontrados cozinhas anexas a mausoléus equipadas com canalizações para a circulação de água fresca (Toynbee, 1971; Salza Prina Ricotti, 1978-79; Baldassare, 1996).

A tipologia classifica o edifício como um mausoléu. Esta afirmação baseia-se no facto, dos proprietários das *villae romanae* serem frequentemente enterrados nas suas terras e perto da casa de habitação (Waurick, 1973; Verzár-Bass, 1995). Esta estreita relação com a *villa*, está patente em Milreu da seguinte forma; a sepultura da família e a entrada principal da *villa* estão a cerca de 10 metros de distância. Tradição esta, que remonta ao século II a.C. e desenvolve-se nos arredores de Roma e na costa, entre o Lácio e a Campânia, durante o período da República Tardia. Durante o Império esta prática transfere-se, devido às mudanças nas estruturas económicas e sociais, nas províncias romanas; os exemplos que comprovam este facto são numerosos, inclusive na Península Ibérica, como em Sádaba (Prov. Huesca/Espanha) ou em Pisões, perto de Beja, no Alentejo. Em Milreu temos patentes dois mausoléus que datam do século II ou III d.C. (Hauschild; Teichner, 2001, p. 39 ss.).

Temas com representações de peixes, golfinhos, criaturas marinhas e semelhantes são frequentemente encontrados em monumentos relacionados com estruturas funerárias como: urnas (fig. 35), sarcófagos (fig. 36; 37), estelas, pinturas e estuques em jazigos (fig. 38), relevos em monumentos funerários (fig. 39), mosaicos em sepulturas (fig. 40) etc. (Wadsworth, 1924; Rumpf, 1939; Rolland, 1969; Donati; Pasini, 1997; Andreae; Pace, 2001).

Estas representações podem, embora o seu significado seja bastante discutido, ser atribuídas a uma imagem poética relacionada com a passagem das almas para outro mundo. (Cumont, 1942; Andreae, 1964; Wrede, 1976). Figuras semelhantes, eram representadas nas sepulturas dos Etruscos e simbolizavam a viagem dos mortos (ou das almas) à "Ilha dos Felizes/das Almas" (*insulae fortunatorum; insulae beatorum; divites insulae*). Entres os séculos V e I a.C., os Etruscos representavam, em contexto funerário, golfinhos e criaturas marinhas sobre as quais os mortos montavam e alcançavam a "Ilha das Almas". (fig. 41; 42; 43; Steingräber, 1985; Boosen, 1986; Krauskopf, 1987). Trata-se, possivelmente, de uma antiga concepção, provavelmente pré-helenística, do mundo após a morte. Durante o século I a. C., figuras semelhantes são adoptadas pelos Romanos, embora o seu significado seja incerto. A noção da "Ilha dos Felizes" apenas existe na literatura (Plinius, nat. hist. 1 ind. 6, 37.4; Pomponius Mela 3, 102; Sallustius, frgt. Ap. Non. P. 795; Horatius, Carm. 4, 8, 27 et alii). Porém nas sepulturas romanas estes símbolos perdem seu simbolismo originário e expressavam a esperança de uma vida eterna, serena e tranquila e eram tidos como elementos decorativos (Brandenburg, 1967; Sichtermann, 1970; Engemann, 1973).

Os mosaicos do *podium* do edifício de Milreu poderiam ser interpretados neste sentido (Graen, 2004). De forma alguma os temas marinhos são contraditórios

com a noção de mausoléu, ao invés, comprovam, através da arquitectura, a orientação dos proprietários da *villa* nos modelos relativos à iconografia funerária romana.

O edifício de Milreu é um exemplo único, na Península Ibérica, de sucessiva reutilização, até à Época Moderna. O mausoléu é utilizado pelos romanos na Antiguidade Tardia e depois, na época visigótica, como uma igreja cristã, com um baptistério anexo e no interior de um cemitério cristão. O islamismo imortalizou-se nas colunas da galeria, através de diversas inscrições, que foram interpretadas como funerárias (Sidarus e Teichner, 1996). Nessa fase, provavelmente, terá sido construída a banheira hexagonal no interior da *cella*. Porém, ao longo das suas diversas reutilizações, a função funerária mantém-se presente. No século X o edifício foi derrubado. Na Época Moderna (e até a segunda metade do século XIX) e após a construção de um telhado inclinado, foi usado como curral de ovelhas (fig. 44).

3. O EDIFÍCIO DE SÃO CUCUFATE – UMA CÓPIA DE MILREU?

A *villa* romana de São Cucufate localiza-se nas terras férteis da capital do antigo *conventus pacensis* – *Pax Iulia* – e a cerca de 120 km de Milreu. Assim como Milreu, as estruturas da *villa* datam do século I d.C. e após várias remodelações, no início do século IV, sofrem uma grande transformação. O bom estado de conservação da casa principal dá-se graças à sua constante utilização, desde a antiguidade tardia até ao cristianismo.

No período Medieval a antiga *villa* foi transformada no mosteiro de São Cucufate. Por volta de 1640, o mosteiro já se encontrava em ruína, como se pode aferir, pelo relato da viagem do cónego de Évora, D. Manuel Severim de Faria. Na segunda metade do séc. XVII o mosteiro é reactivado, sendo ainda visíveis os frescos representando pinturas populares, na capela, à qual a *villa* romana foi adaptada. O último capelão morre em 21 de Novembro de 1723, cessando, por completo, as actividades religiosas do mosteiro.

Entre 1979 e 1987, foram efectuadas escavações arqueológicas ao abrigo de um projecto de investigação luso – francês (Alarcão; Étienne; Mayet, 1990).

Aproximadamente a 50 m a sudeste do edifício principal, encontra-se um edifício, bem conservado (fig. 45), com cerca de 2,50 m de altura e com uma planta bastante semelhante à de Milreu, para não dizer quase idêntica (fig. 46). A estrutura é composta por uma *cella* quadrada; do lado oposto à entrada foi anexada uma ábside de grandes dimensões. Esta curva-se em meia cúpula e é separada nas fundações da sala principal, da *cella*, por um muro. Em Milreu, nesta área encontra-se um pequeno espaço de função desconhecida. A *cella* é cercada por um pequeno muro, semelhante ao encontrado em Milreu, sendo

por isso interpretado como anteparo para colunas (*peristasis*). Na zona da entrada foi anexado um *pronaos/narthex*. As únicas diferenças em relação a Milreu são a ausência de cornijas ou abóbadas (na galeria e na sala central) e uma outra técnica de alvenaria, também como testemunhos de mosaicos ou placas de mármore; além disso, o *podium* – se é que existiu um – era consideravelmente menor.

Durante as escavações não foram encontrados fragmentos de cornijas ou arcos, o que indica que, quer para a galeria de colunas, quer para o interior da *cella*, o tecto era plano e, provavelmente, em madeira. Diversos factores comprovam que o edifício e a *villa áulica* foram edificadas ao mesmo tempo, uma vez que a *villa* possui a mesma orientação (Leste-Oeste) que o edifício e que as paredes foram construídas, em alvenaria, com a mesma técnica (núcleo de cimento com revestimento de pedras naturais e fileiras de tijolos; ao contrário de Milreu: núcleo de cimento com completo revestimento de tijolos = *opus testaceum*). Porém, as datações mais seguras foram obtidas através dos fragmentos de *Terra Sigillata Clara C e D*, exumados das escavações, que indicam que o edifício data numa época post-constantiniana do século IV.

Tal como em Milreu, o edifício de São Cucufate era interpretado como sendo um templo dedicado a uma divindade desconhecida (Alarcão; Étienne; Mayet, 1990, p. 127-130; Alarcão, 2002; Lancha, 2004). Também neste, e como em Milreu, não estão presentes, por exemplo, inscrições votivas, ou um altar que possam confirmar a utilização do espaço em rituais sagrados. A presença de água não foi comprovada, por isso não pode ser interpretado como *nymphaeum*. Devido a mesma afinidade com os mausoléus tardo-antigos nas necrópoles de Roma, assim como em Milreu, parte-se do princípio que originalmente também se tratava de um mausoléu. O edifício de São Cucufate é provavelmente uma cópia mais simples do imponente mausoléu de Milreu. No entanto, não há provas claras de que as duas construções foram erguidas no mesmo tempo. A construção foi feita ao mesmo tempo que a *villa áulica* foi remodelada. Seu rico proprietário criou um mausoléu representativo que pode ser visto a partir do terraço da *villa*.

Em 400 ou depois o mausoléu de São Cucufate foi cristianizado. Como em Milreu foram achadas sepulturas paleocristãs na galeria e na região em volta da construção, a maioria era da época visigótica. Provavelmente esse mausoléu também foi transformado numa igreja.

4. A CONSTRUÇÃO DA QUINTA DE MARIM – O MODELO?

Voltemos ao litoral. Um terceiro edifício era até então conhecido somente através dos esboços de Estácio da Veiga.

Quinta de Marim é um pedaço de campo alargado situado a Leste da actual cidade Olhão e a Oeste de Tavira. O lugar fica a aproximadamente metade do caminho entre os antigos municípios de *Ossónoba* (Faro) e *Balsa* ao Sul da actual Estrada Nacional 125, possivelmente uma estrada já antiga de ligação. Daí, o lugar poderia ser idêntico ao descrito por o chamado 'Anonymus de Ravenna', um geógrafo do século VI d.C., como „*statio sacra*“. Esta suposição levou Estácio da Veiga também em 1877 a fazer investigações arqueológicas ali. As diferentes descobertas e construções esboçadas por Estácio da Veiga (fig. 47) são apontadas como ruínas de um grande complexo dum *villa* romana com prédio central, de produção e de armazenamento (*parte rusticae*) e um edifício com termas (Santos, 1972). Nos anos 80 do séc. XX, perto do Parque Natural da Ria Formosa, directamente na costa, foi pesquisada uma área de produção de *garum*, que muito provavelmente pertencia a área da *villa* (Silva, Soares e Soares, 1992).

Infelizmente, os resultados de Estácio da Veiga, também neste caso, não puderam ser publicados antes da sua morte; registos escritos – caso tenham existido – hoje estão desaparecidos. Ao complexo da *villa* pertencem uma grande necrópole com sepulturas pagãs e cristãs. Atrás delas estão ao menos 20 lápides com inscrições que são atribuídas a escravos ou *liberti* (D'Encarnação, 1984, p. 81-101; D'Encarnação, 1991).

No Sul do terreno é possível reconhecer nos esboços de Estácio da Veiga as plantas de dois edifícios interligados, a partir do quais se mostra uma generalidade comum com as duas construções de Milreu e São Cucufate (fig. 48).

As ruínas estão desaparecidas debaixo da terra desde as últimas escavações, 128 anos atrás, e todo o terreno, intensamente utilizado para a agricultura, não pode há muito tempo ser submetido a um estudo preciso. Na base de um projecto da universidade de Jena (Alemanha) e em colaboração com a universidade de Coimbra, as ruínas das construções puderam ser novamente exibidas nos anos 2002 e 2003 sob a direcção do autor (Graen, 2004; Graen, 2005).

Verifica-se rapidamente que o edifício, em linhas gerais, foi melhor conservado do que se considerava no início dos trabalhos; a não ser por alguns pequenos defeitos, muros fundações foram conservados completos e puderam ser por desenhos e fotograficamente registados (fig. 49). O esboço esquemático de 1877 teve que ser parcialmente corrigido. Como suposto – e reconhecido no esboço do século XIX – trata-se igualmente de uma sala central quadrada (*cella*) com uma ábside anexada, que é circundada por todos os lados por um conjunto de muros de sustentação de mesmas linhas.

Uma particularidade diferencia esta construção ainda mais da planta das “construções gémeas” em Milreu e São Cucufate (fig. 50): falta uma sala da

entrada (*pronaos*) e na ábside foi construído um bloco maciço de cimento e pedras, que pode ser interpretado como uma subconstrução para uma superestrutura que hoje não é mais conservada, provavelmente um baixo *podium*. Dever-se-ia se tratar, como suposto, de um mausoléu que abrigava o sarcófago de mármore do morto neste lugar na ábside. É de pensar também que neste ilustre local foram colocadas uma ou mais estátuas do morto héroizado. Neste lugar felizmente conservava-se ainda o resto de um trabalho em construção corrente, que se pode reconhecer – assim como em São Cucufate e diferentemente de Milreu – que tem a ver com um núcleo de cimento que é recoberto com pedras naturais e faixas de tijolos.

Das instalações puderam ser salvos pequenos, porém significativos, fragmentos. Isso mostram os fragmentos de mosaicos (fig. 51) e partes de diversas placas coloridas de mármore do antigo esplendor do edifício. Dois fragmentos de mármore semi-circular e côr de rosa-claro, assim como um fragmento de um capitel coríntio, documentam que o edifício também era circundado por um conjunto de colunas de sustentação. Uma peça de aproximadamente 30 cm de fragmento de placa de bronze com desenho de escamas (fig. 52), poderia ter sido parte de um tecto de bronze, assim como é traduzido em antigas fontes escritas (Plínio), por exemplo, para o *Pantheon* ou para o templo de Vénus e Roma, em Roma. Nos poucos casos em que os achados possuem testemunhos de bronze, eles são tais, que mostram que o metal precioso era uma cobiçada matéria-prima e o trabalho correspondente a gerações sucessivas foram saqueados e novamente fundidos. Por isso os fragmentos salvos são de extraordinária importância não só para este prédio analisado mas também para o tecto de bronze como um todo.

Uma profundidade do muro da *cella* de aproximadamente 1,50 m e a considerável espessura de aproximadamente 1,15m permitem a reconstituição de uma abóbada na sala central.

Cacos de ânforas, cerâmica de cozinha africana e *Terra Sigillata Clara* do tipo Hayes 50, assim como duas moedas de bronze com retratos de imperadores com coroa de brilhares (*Antoniniani*), foram encontradas em antigas camadas conservadas e datam da segunda metade do século III d.C. (Graen, 2005, p. 271 ss.). Os achados puderam ser feitos em uma camada de uma área planificada, antes que, entre os anos 260 e 300 d.C., fosse erigido o imponente edifício.

Esta datação mostra, no entanto, que se trata-se aqui do primeiro dos três "edifícios gêmeos" apresentados nesta região; a construção tinha evidentemente um carácter de modelo para as outras duas em Milreu e São Cucufate, que datam da primeira metade e do meio do sec. IV e que aí foram, com pequenas modificações, copiadas. Provavelmente o monumental e ricamente decorado mausoléu causou

impressão à vizinhança. A diferença temporal entre as três construções refuta a suposição que todas foram erigidas pela mesma oficina de construção.

Finalmente as estruturas vizinhas, que também estão registadas na planta de 1877 (fig. 48) e conectadas com o mausoléu, foram pesquisadas pela equipa da universidade de Jena.

Relativamente às estruturas pode-se dizer, que se trata de uma construção quadrada de aproximadamente 6 m por 6 m de largura com muros maciços de pedras e argamassa de aproximadamente 1,50 m de espessura, que resistiram como uma única câmara (fig. 53). O edifício era rodeado por um soalho de argamassa; possivelmente outrora era coberto por mosaicos (durante as escavações foram encontrados incontáveis fragmentos e *tesserae*), que foram retirados mais tarde, quiçá por Estácio da Veiga. O edifício é envolvido por um muro a uma distância de pelo menos 2,60 m apenas em três lados, que assim forma um pátio. Ao sul, foi construída uma pequena câmara a qual possui paredes cuidadosamente rebocadas e um maciço soalho de lâminas de pedras (fig. 54). Aquí é completamente improvável qualquer outra interpretação, como a que se trata de um mausoléu com um jazigo central para os sarcófagos da família dos *domini* com uma pequena sepultura construída em anexo junto à parede sul. Existem inumeráveis outros edifícios nesse mesmo estilo tanto nas grandes necrópoles e nas avenidas sepulcrais (*Gräberstrassen*) de Roma quanto nas províncias. Na região aos redores pode-se, por exemplo, comparar os mausoléus de Cerro da Vila e Pisões. Geralmente tais núcleos de cimento são reconstruídos como torres sepulcrais ou *aediculae* (Hesberg, 1992, p. 72 ss.). Possivelmente o mausoléu data do séc. II ou da primeira metade do séc. III d.C.. Nesse tempo ainda não era muito difundido o facto de se construir mausoléus com grandes salas que servissem para a realização de cultos em grupo da família ou para homenagem aos mortos, como no final do século III e no Baixo Império comumente (Hesberg, 1992, p. 182 ss.) e que se pode observar no edifício vizinho. A conexão directa dessa construção menor, que pode ser interpretada como mausoléu, reforça a suposição que também nas grandes vizinhanças se trata de um mausoléu, assim como por toda a área em geral tem a ver com um cemitério dos *domini* da *villa*. Com isto seriam também confirmadas para as outras duas construções em Milreu e São Cucufate as suposições já apontadas.

Através das novas investigações na Quinta de Marim e dos estudos dos mosaicos de Milreu, importantes conhecimentos puderam contribuir para que no futuro as construções de Milreu, São Cucufate e Quinta de Marim, que eram considerados templos ou lugares de culto, agora possam ser considerados como mausoléus.

Os seus construtores, através deste dispendioso e ricamente decorado conjunto arquitetónico, deixaram a visível e intensa expressão, típica necessidade de

representação para o Baixo Império – um marco fundamental na história da arquitetura de uma província muito distante da sua capital. Este resultado significa simultaneamente a definição de um tipo regional especial no espectro da arquitetura de mausoléu do Baixo Império.

AGRADECIMENTOS

O artigo foi traduzido por Juliana Resende Meirelles, Thiago Álvarez Rodrigues e Fátima Costa, corrigido por Ana Ávila de Melo. A apresentação deste artigo e a realização do projecto na Quinta de Marim não seriam possível sem o apoio de muitas pessoas: Pedro Barros, Livia Cristina Coito, Fátima Costa, José D'Encarnação, Paula e Henrique Pousão Ferreira, Joaquim Manuel Pousão Ferreira, Jürgen Hendrich, Fernandina Jesus, Vítor Leal, Karl-Ulrich Meyn, Martina McCarthy, Isabel Prazeres, Luís Raposo – e os participantes da escavação: Célia Alves, Marcolf Baliga, Eloisa Catarino, Andrea Dannenberg, Tânia Duque Ferreira, Matthias Gose, Sebastian Matz, Juliana Meirelles, Ana de Oliveira Nunes, Oliver Pilz, Mareike Rind, Rosanna Staltari, Manuela Tiersch, Sandra C. Vieira, Henning Wabersich, Ulf Weber e Jacqueline Weil. Agradecimentos também para Jorge de Alarcão, João Pedro Bernardes, Theodor Hauschild, Filipe Henriques, Françoise Mayet, Ana Pratas, Felix Teichner e para a fototeca do Instituto Arqueológico Alemão em Roma. Agradecimentos especiais para Angelika Geyer, que patrocinava e acompanhava o projecto com muito empenho.

BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA CASTROVIEJO, F. (1974) – Mosaicos romanos de Hispania Citerior III. *Studia Archaeologica*. Valladolid. 31, p. 53 e ss.
- AGUILAR SAÉNZ, A.; GUICHARD, P. (1999) – *La ciudad antigua de Lacimurga y su entorno rural*. Badajoz: [s. n.].
- ALARCÃO, J. (2002) – O templo da villa romana de São Cucufate. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: IPM, p. 245-246.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) – *Les villas romaines de São Cucufate*. Paris: De Boccard.
- ALTMANN, W. (1906) – *Die italischen Rundbauten*. Berlin: Weidmann.
- ANDREAE, B. (1964) – Studien zur römischen Grabkunst. *Römische Mitteilungen. Ergänzungsbeft* Mainz. 9, p. 131-159.
- BALDASSARE, I. (1996) – *Necropoli di Porto. Isola Sacra*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- BALIL, A. (1975) – Sobre mosaicos romanos de Galícia: identificación de un taller musivario. In *La mosaïque gréco-romaine II*. Paris: AIEMA. p. 259 ss.

- BELZ, C. (1978) – *Marine genre mosaics of Roman North Africa*. Los Angeles: Bryn Mawr College Print.
- BERNABÓ BREA, L.; CAVALIER, M.; VILLARD, F. (2001) – *Meligunís Lipará Vol. XI: Gli scavi nella necropoli greca e romana di Lipari nell'area vescovile, Parte I*. Palermo: Accademia Nazionale Scienze Lettere e Arti.
- BOOSEN, M. (1986) – *Etruskische Meeresmischwesen. Untersuchungen zu Typologie und Bedeutung*. Roma: Bretschneider.
- BRANDENBURG, H. (1967) – Meerwesen-sarkophage und Clipeusmotiv. *Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts*. Mainz. 82, p. 195-245.
- BRANDENBURG, H. (2004) – *Die frühchristlichen Kirchen Roms vom 4. bis zum 7. Jahrhundert*. Milão; Regensburg: Schnell und Steiner.
- CUMONT, F. (1942) – *Recherches sur le symbolisme funéraire des Romains*. Paris: Geuthner. p. 166 ss.
- DE PUMA, R. D. (1969) – *The Roman fish mosaic I/II*. Los Angeles: Bryn Mawr College Print.
- DONATI, A.; PASINI, P. (1997) – *Pesca e pescatori nell' antichità*. Milão: Leonardo Arte. 179 p.
- DUNBABIN, K. M. (1978) – *The mosaics of Roman North Africa. Studies in iconography and patronage*. Oxford: Clarendon Press.
- DURÁN KREMER, M. J. S. (1998) – Contribuição para o estudo de alguns mosaicos romanos da Gallaecia e da Lusitania. In *Actas do V. Congresso Internacional de Estudos Gallegos, Trier 8-11 Outubro 1997*. Santiago de Compostela: [s. n.]. p. 509-519;
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Universidade.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) – A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão). A onomástica enquanto índice sócio-cultural. *Anais do Município de Faro*. Faro. XXI, p. 229-241.
- ENGEMANN, J. (1973) – Untersuchungen zur Sepulkralsymbolik der späteren römischen Kaiserzeit. *Jahrbuch für Antike und Christentum*, 2. *Ergänzungsheft*. Münster.
- FERNÁNDEZ-GALIANO RUIZ, D.; GÁLVEZ AYLLON, D. (2001) – El ninfeo o templete de Carranque. Carranque. Centro de Hispania Romana. Alcala de Henares: Museo. p. 94-99.
- FORNARI, F. (1916) – Nuove scoperte nella città e nel suburbio. Via Ostiense. Scavi nel cimitero di S. Ciriaco a Mezzocamino. *Notizie degli Scavi di Antichità*. Rom. 13, p. 123-137.
- FOUCHER, L. (1957) – *Navires et barques. Figures sur des mosaïques découvertes a Sousse et aux environs*. Tunis: Imprimerie Officielle.
- GRAEN, D. (2004) – Sepultus in villa – Bestattet in der Villa. Drei Zentralbauten in Portugal zeugen vom Grabprunk der Spätantike. *Antike Welt*. Mainz. 35:3, p. 65-74.
- GRAEN, D. (2005) – Two Roman mausoleums at Quinta de Marim (Olhão): preliminary results of the excavations in 2002 and 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. Vol. 8: 1, p. 257-278.
- GUTIÉRREZ BEHEMERID, M. A. (1992) – *Capiteles Romanos de Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- HANEL, N. (1989) – Römische Öl- und Weinproduktion auf der iberischen Halbinsel am Beispiel von Munigua und Milreu. *Madridier Mitteilungen*. Mainz. 30, p. 204-238.
- HAUSCHILD, Th. (1964) – *Der Kultbau neben dem römischen Ruinenkomplex bei Estói in der Provinz Lusitania*. Berlin: Edição do autor.
- HAUSCHILD, Th. (1984/88) – O edifício de culto do complexo das ruínas perto de Estói, na província Lusitânia. *Arqueologia e História*. Lisboa. Sér. 10, I-II: 1, p. 123-150.

- HAUSCHILD, Th. (1994) – Die Mosaiken am Podium des Wasserheiligtums von Milreu, Estói (Algarve). In *La mosaïque gréco-romaine IV*. Paris: AIEMA. p. 285-291.
- HAUSCHILD, Th. (1997) – Milreu, Estói. Villa romana e santuário. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR. p. 407-414.
- HAUSCHILD, Th. (2002) – O "Ninfeu" do Milreu. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: IPM. p. 241-244.
- HAUSCHILD, Th.; TEICHNER, F. (2001) – *A villa romana de Milreu*. Lisboa: IPPAR (Roteiros de Arqueologia Portuguesa).
- HESBERG, H. v. (1992) – *Römische Grabbauten*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- HÖCKMANN, O. (1985) – *Antike Seefahrt*. München: Hirmer. p. 63.
- INCITTI, M. (1992) – La necropoli 'longobarda' della Selvicciola. In *New developments in Italian Archaeology, part II. 4th Conference of Italian Archaeology 1990*. London: E. Herring. p. 213-217.
- KOETHE, H. (1933) – Die keltischen Rund- und Vielecktempel der Kaiserzeit. *Berichte der Römisch-Germanischen Kommission*. Mainz. 23, p. 10 ss.
- KRAUSKOPF, I. (1987) – *Todesdämonen im vorhellenistischen Etrurien. Kontinuität und Wandel*. Firenze: Olschki.
- LANCHA, J. (2002) – *O mosaico das musas*. Lisboa: IPM.
- LANCHA, J. (2004) – Vivre avec les dieux dans les villas tardives de la Péninsule Ibérique. In LABARRE, G. (ed.), *Les cultes locaux dans les mondes Grec et Romain. Actes du colloque de Lyon 7-8 juin 2001*. Paris: de Boccard. p. 213-234.
- MARASOVIĆ, T. (1982) – *Der Diokletian-Palast*. Espalato: NOLIT.
- MILOŠEVIĆ, P. (1971) – Earlier archaeological activity in Sirmium. In *Sirmium II*. Beograd: Archeoloski Institut u Beogradu.
- NEIRA JIMÉNEZ, L. (1994) – Mosaicos Romanos con Nereides e Tritones. Su relación con el ambiente arquitectónico en el Norte de Africa y en Hispania. In *L'Africa Romana*. Oristano. p. 1259-1278.
- OELMANN, F. (1933) – Zum Problem des gallischen Tempels. *Germania*. Mainz. 17, p. 169 ss.
- PÄFFGEN, B. (1992) – *Die Ausgrabungen in St. Severin zu Köln*. Mainz: Philipp von Zabern.
- RASCH, J. J. (1984) – *Das Maxentius-Mausoleum an der Via Appia in Rom*. Mainz: Philipp von Zabern.
- RASCH, J. J. (1993) – *Das Mausoleum bei Tor de' Schiavi in Rom*. Mainz: Philipp von Zabern.
- RELIGIO Romana. Wege zu den Göttern im antiken Trier*. (1996) Trier: Rheinisches Landesmuseum.
- ROLLAND, H. (1969) – *Le mausolée de Glanum*. Paris: Ed. du Centre National de la Recherche Scientifique.
- RUMPF, A. (1939) – Meerwesensarkophage. *Die antiken Sarkophagreliefs*. Berlin: De Gruyter. 5, I.
- SALZA PRINA RICOTTI, E. (1978-79) – Cucine e quartieri servili in epoca romana. *Rendiconti della Pontificia Accademia Romana di Archeologia*. 51-52. Città del Vaticano. p. 276 s.
- SANTOS, M. L. E. V. A. (1972) – *Arqueologia Romana do Algarve Vol. II*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SANTOS, M. L. E. V. A. (1997) – Estácio da Veiga, a carta arqueológica e o museu do Algarve. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR. p. 21-43.
- SICHTERMANN, H. (1970) – Deutung und Interpretation der Meerwesensarkophage. *Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts*. Mainz. 85, p. 224-238.

- SIDARUS, A.; TEICHNER, F. (1996) – Termas romanas no Gharb Al-Ândalus. As inscrições árabes de Milreu (Estói). *Arqueologia Medieval*. Mértola. 5, p. 177-189.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; SOARES, A. C. (1992) – Estabelecimento de produção de salga de época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335 ss.
- SCHLUNK, H. (1988) – Die Mosaikkuppel von Centcelles. *Madriider Beiträge*. Mainz: Philipp von Zabern.
- STEINGRÄBER, S. (1985) – *Etruskische Grabmalerei*. München: Hirmer.
- TEICHNER, F. (1997) – Die römischen Villen von Milreu. Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz Lusitania. *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 38, p. 71-98.
- TEICHNER, F. (2001) – Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, sobre a villa romana de Milreu (Estói, Algarve) – notícia preliminar. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 19, p. 187-198.
- TOLOTTI, F. (1953) – *Memorie degli apostoli in Catacumbas. Rilievo critico della Memoria e della Basilica Apostolorum al III miglio della Via Appia*. Città del Vaticano: Amici delle catacombe XIX.
- TOLOTTI, F. (1982) – Le basiliche cimiteriali con deambulatorio del suburbio romano: questione ancora aperta, *Römische Mitteilungen*. Berlin. 89, p. 153-211.
- TOYNBEE, J. M. C. (1971) – *Death and burial in the Roman world*. London: Thames and Hudson.
- TSCHIRA, A.; DEICHMANN, F. W.; RASCH, J. J. (1998) – *Das Mausoleum der Kaiserin Helena in Rom und der 'Tempio della Tosse' in Tivoli*. Mainz: Philipp von Zabern.
- VEIGA, S. P. M. (1880) – *A tábula de bronze de Aljustrel*. Lisboa: Typographia da Academia. 71 p.
- VERZÁR-BASS, M. (1995) – Mausoleum und Villa. In *Forschungen und Ergebnisse. Internationale Tagung über Römische Villen, Veszprém 1994*. Veszprém.
- WADSWORTH, E. L. (1924) – Stucco reliefs of the first and second centuries still existant in Rome. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Roma. 4, p. 96-128.
- WAURICK, G. (1973) – Untersuchungen zur Lage der Kaisergräber in der Zeit von Augustus bis Constantin. *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums*. Mainz. 20, p. 107-146.
- WILKES, J. J. (1986) – *Diocletian's Palace, Split. Residence of a retired Roman emperor*. Sheffield: University of Sheffield.
- WREDE, H. (1976) – Lebenssymbole und Bildnisse zwischen Meerwesen. *Festschrift für Gerhard Kleiner*. Tübingen: Wasmuth. p. 147-178.

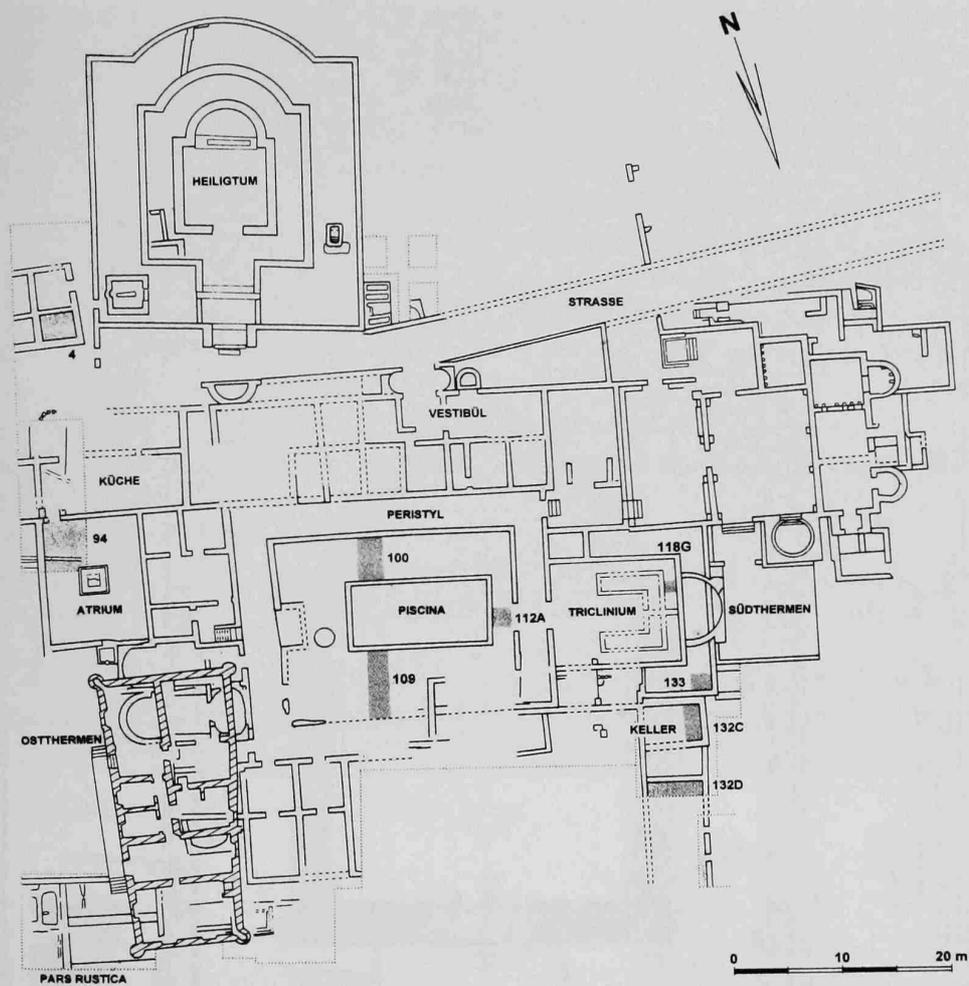


Fig. 1 – Milreu, planta da villa romana, elaborada por Th. Hauschild (IAA).



Fig. 2 – Milreu, edifício da construção central, vista do Norte.

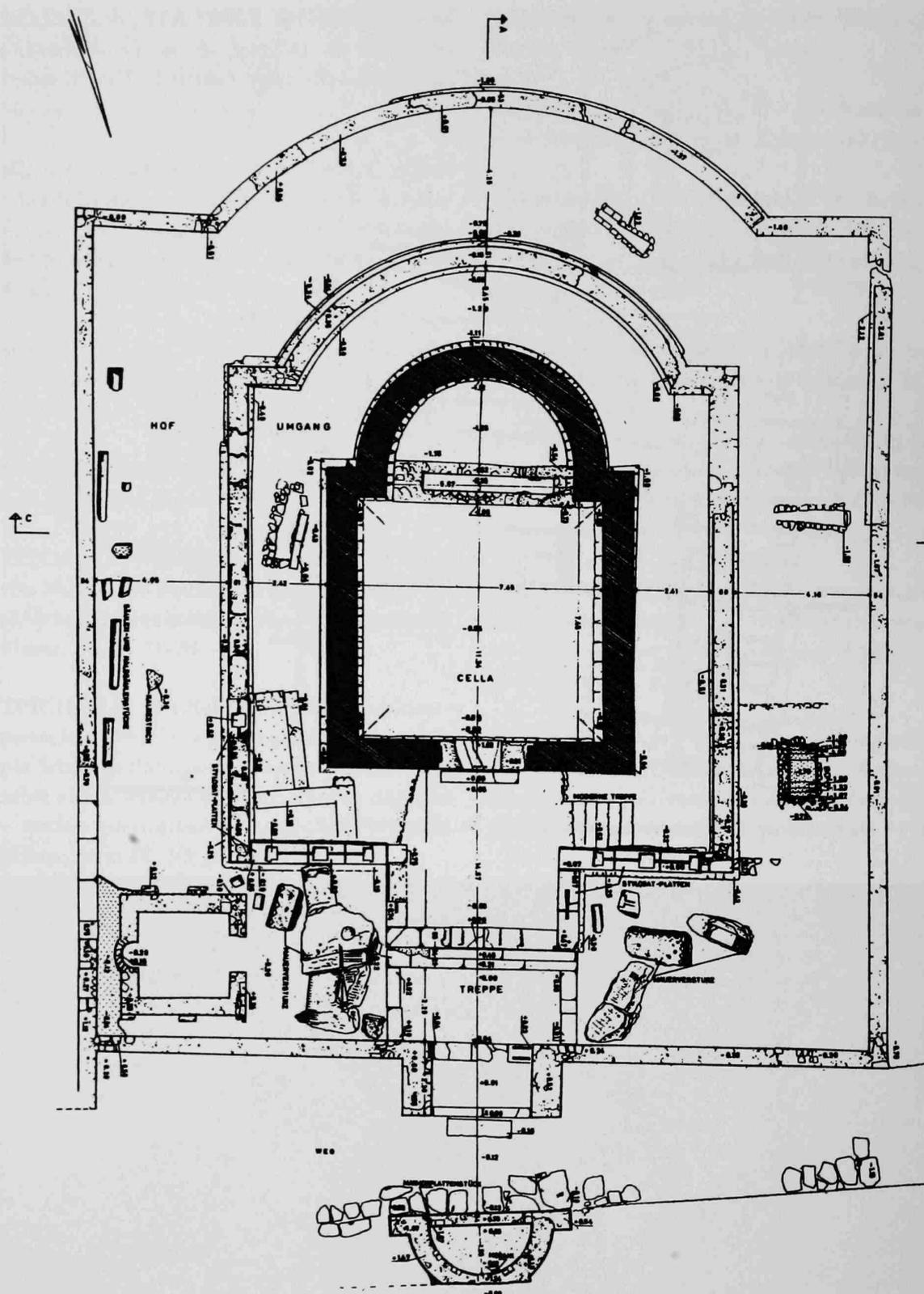


Fig. 3 – Milreu, planta do edifício da construção central, elaborada por Th. Hauschild.

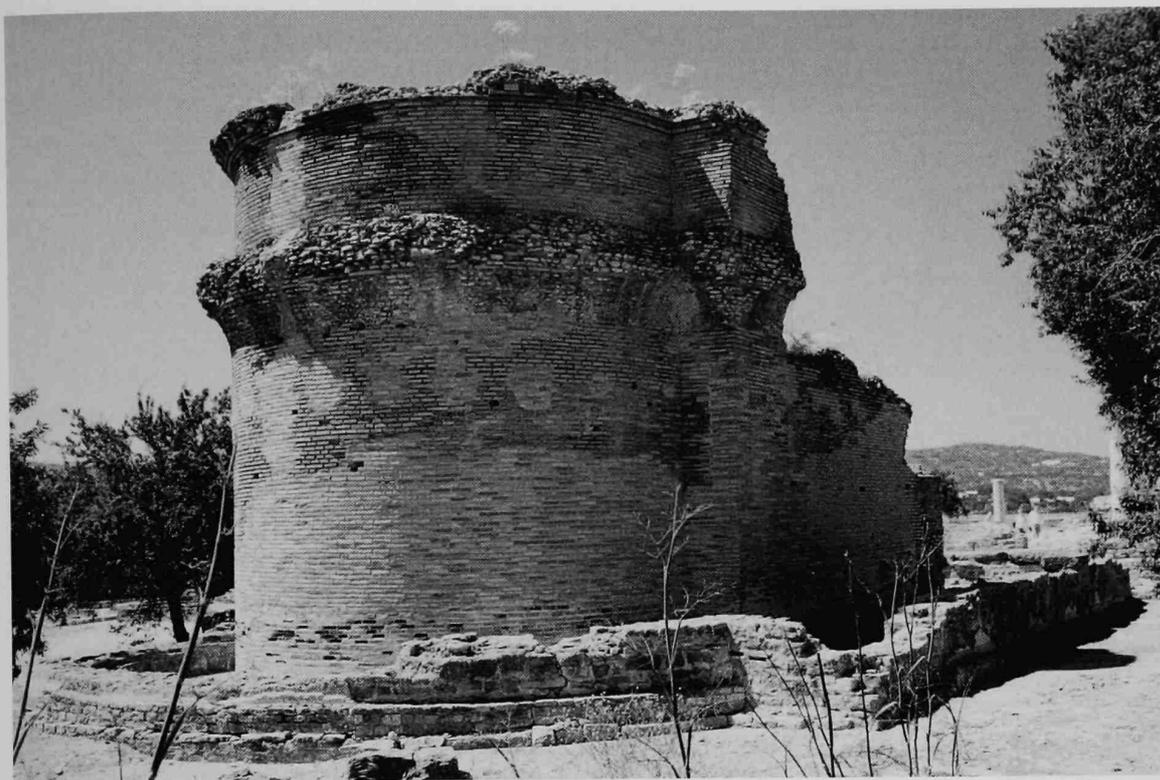


Fig. 4 – Milreu, edifício da construção central, vista do Sul.



Fig. 5 – Faro, Museu "Infante D. Henrique" (depósito): fragmentos de uma balastrada de placas de mármore.



Fig. 6 – Milreu, edifício da construção central: estilobato com ranhuras.



Fig. 7 – Milreu, mosaico do *podium*: 3 peixes.



Fig. 8 – Milreu, mosaico do *podium*: golfinho.

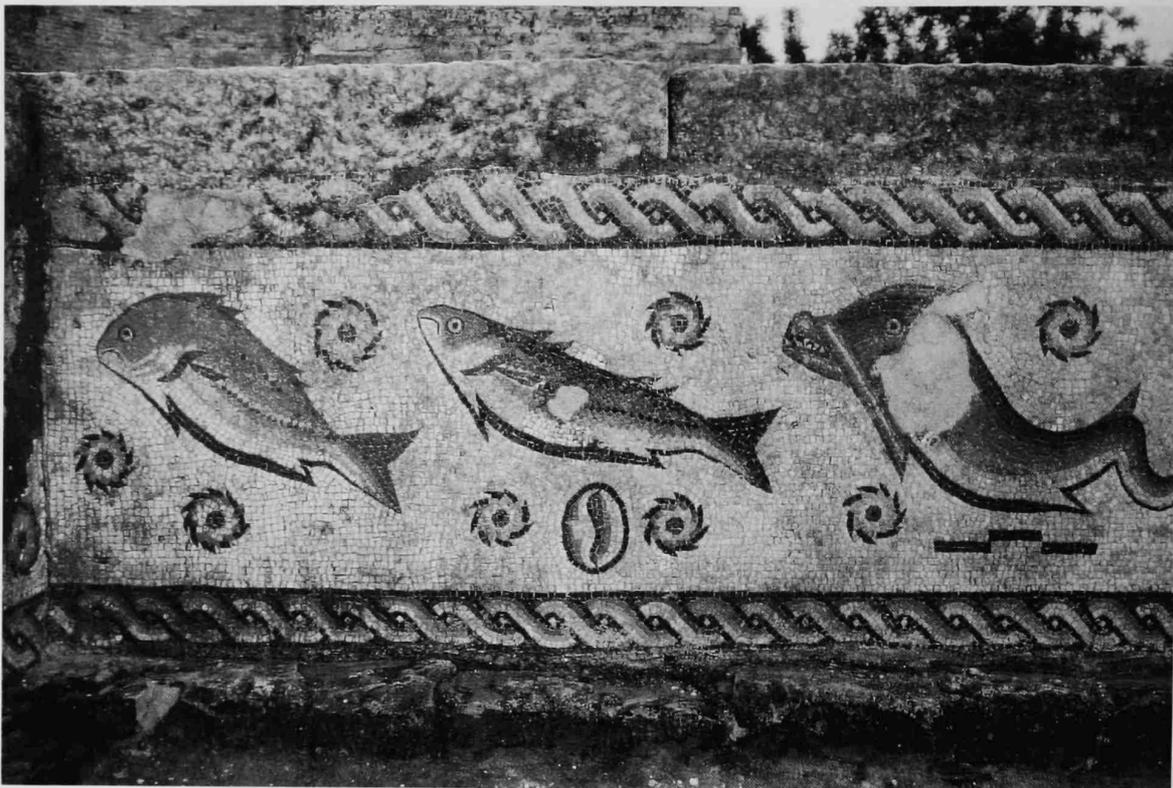


Fig. 9 – Milreu, mosaico do *podium*: 2 peixes.

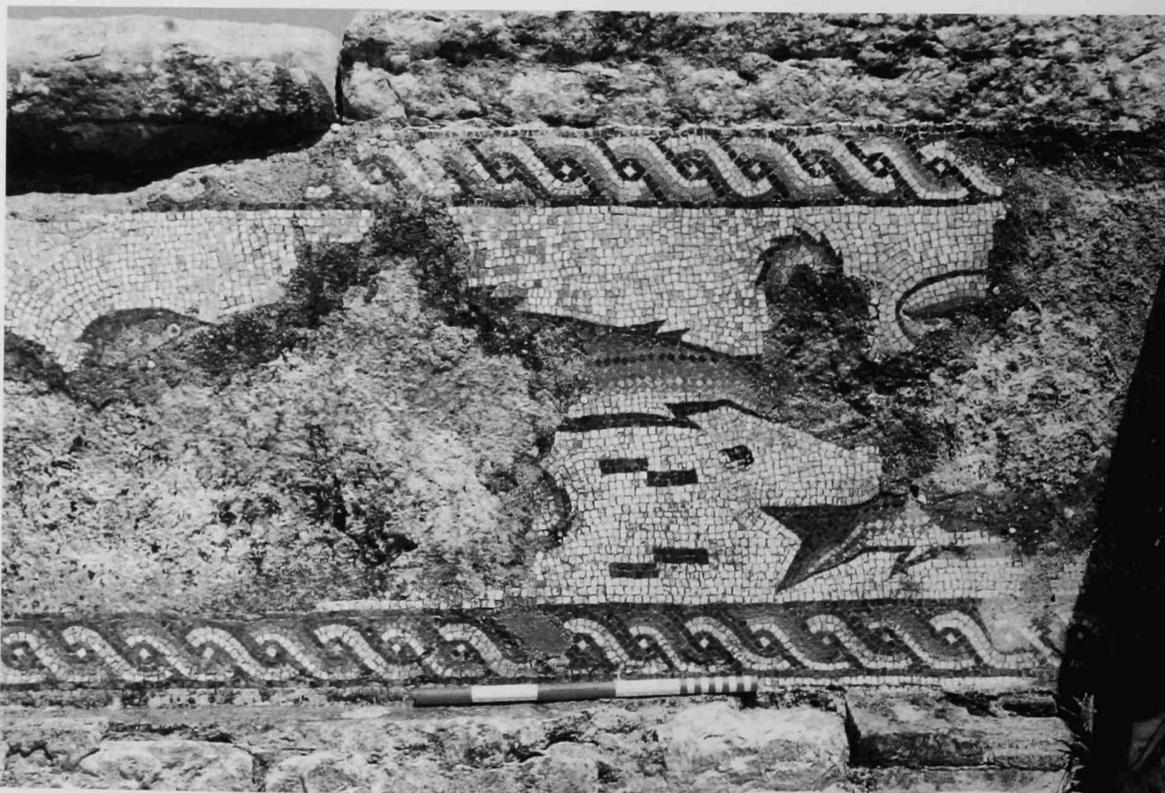


Fig. 10 – Milreu, mosaico do *podium*, zona do *pronaos*: 2 peixes, golfinho (fragmentados).



Fig. 11 – Milreu, mosaico do *podium*: golfinho, peixe.

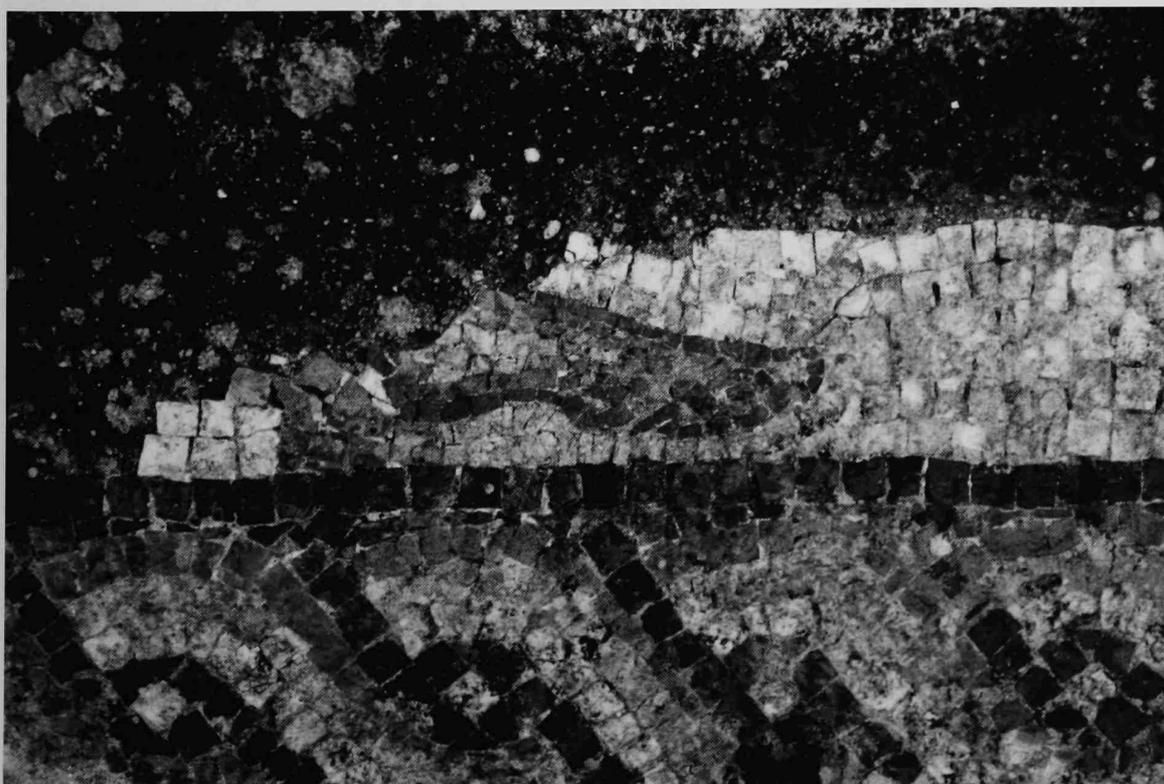


Fig. 12 – Milreu, mosaico do *podium*: pé humano.

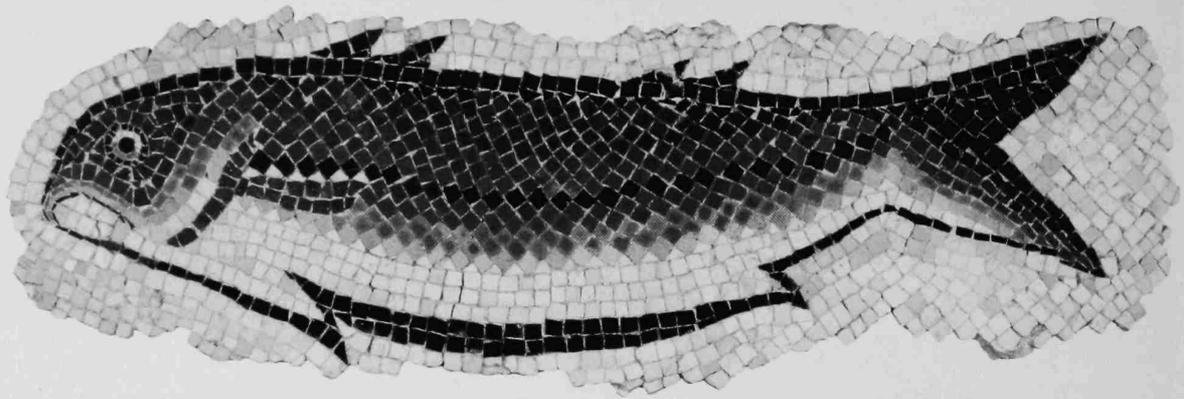


Fig. 13 – MNA, mosaico de Milreu: peixe, n.º inv. 18 686.

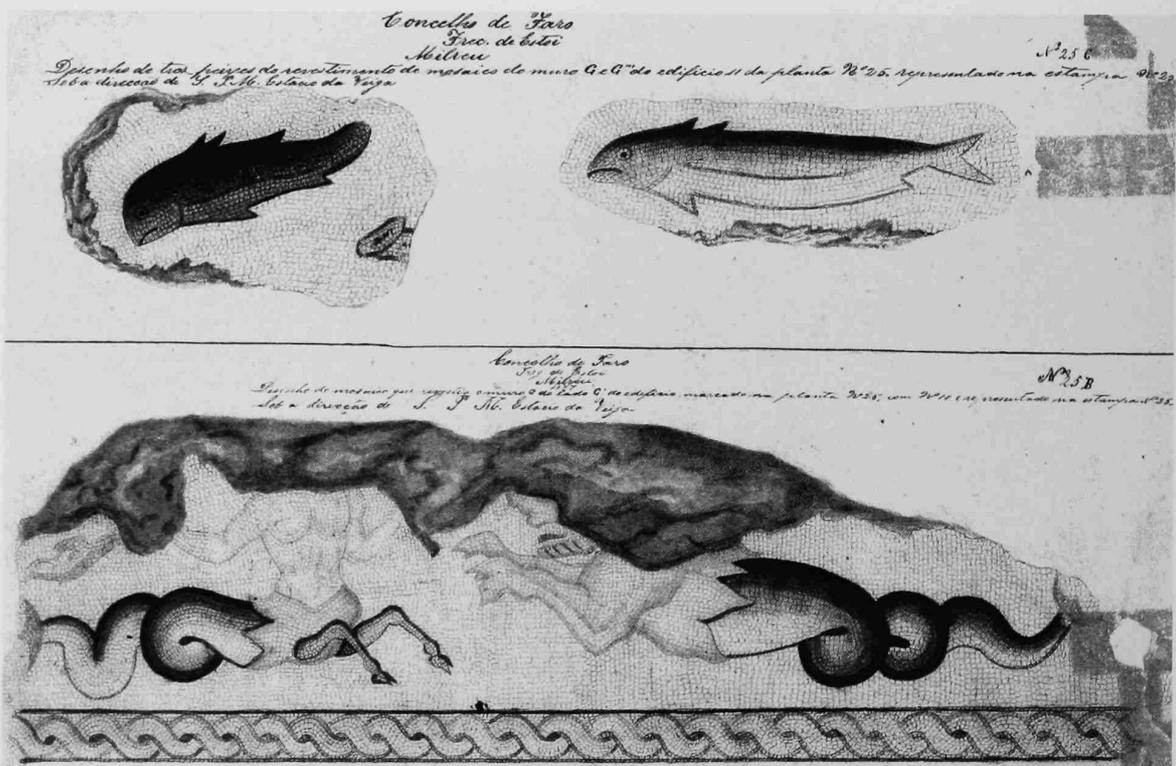


Fig. 14 – MNA (arquivo), desenho No. 25 C, elaborado por Estácio da Veiga.

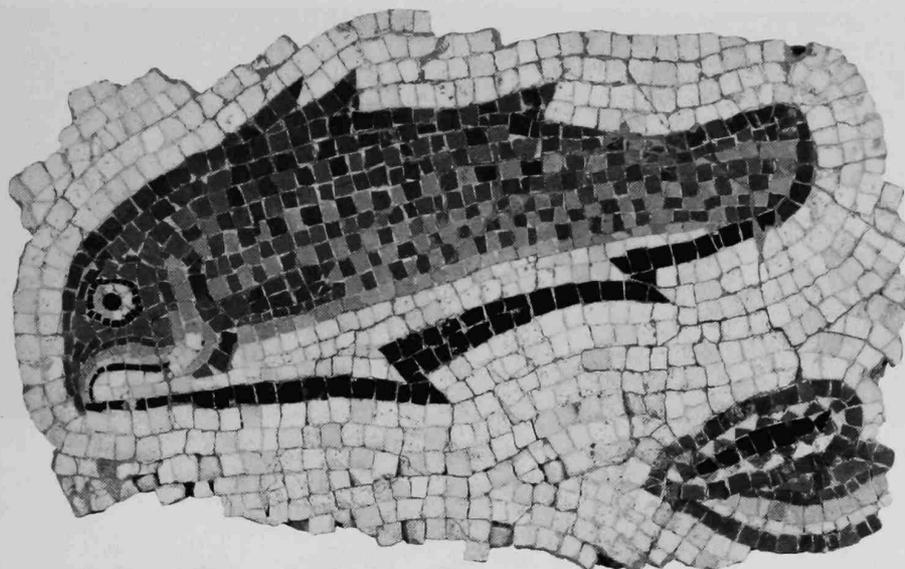


Fig. 15 – MNA, mosaico de Milreu: peixe, n.º inv. 18 693.



Fig. 16 – MNA, mosaico de Milreu: lula, n.º inv. 18 699.

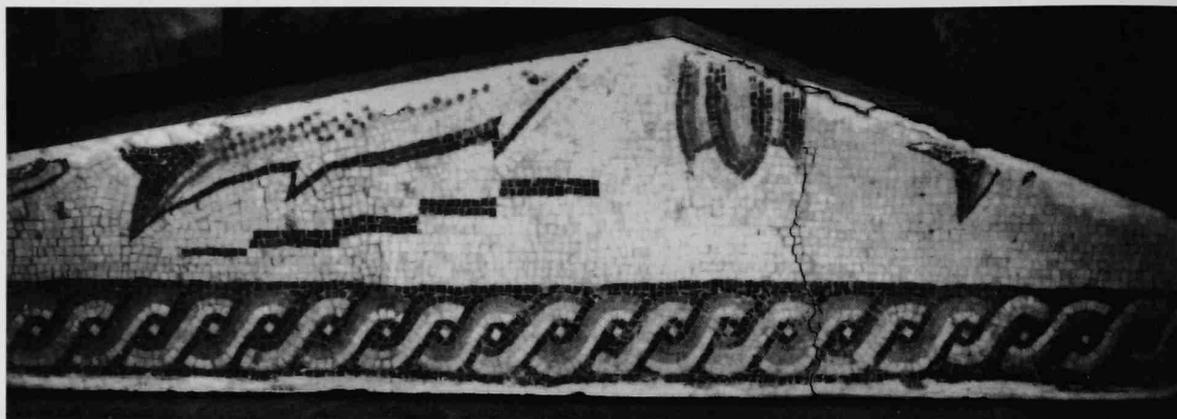


Fig. 17 – MNA, mosaico de Milreu: peixes, lula (fragm.), n.º inv. 18 689.

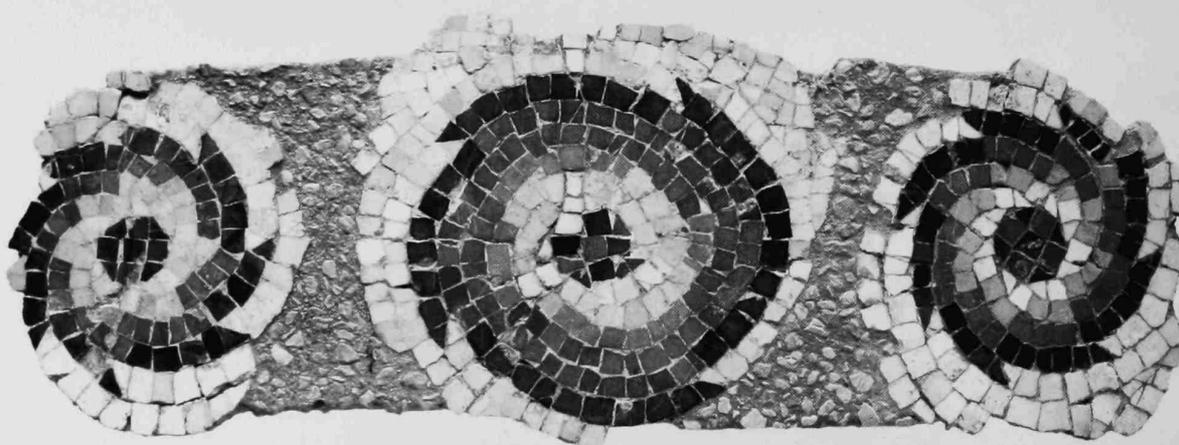


Fig. 18 – MNA, mosaicos de Milreu: corpos turbilhantes, n.º Inv. 18 677.



Fig. 19 – MNA, mosaico de Milreu: 2 peixes, n.º inv. 18 700.

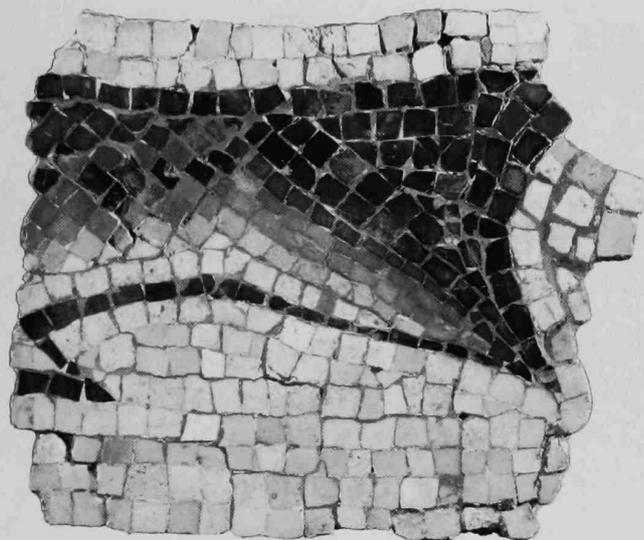


Fig. 20 – MNA, mosaico de Milreu: barbatana de peixe, n.º inv. 18 680.

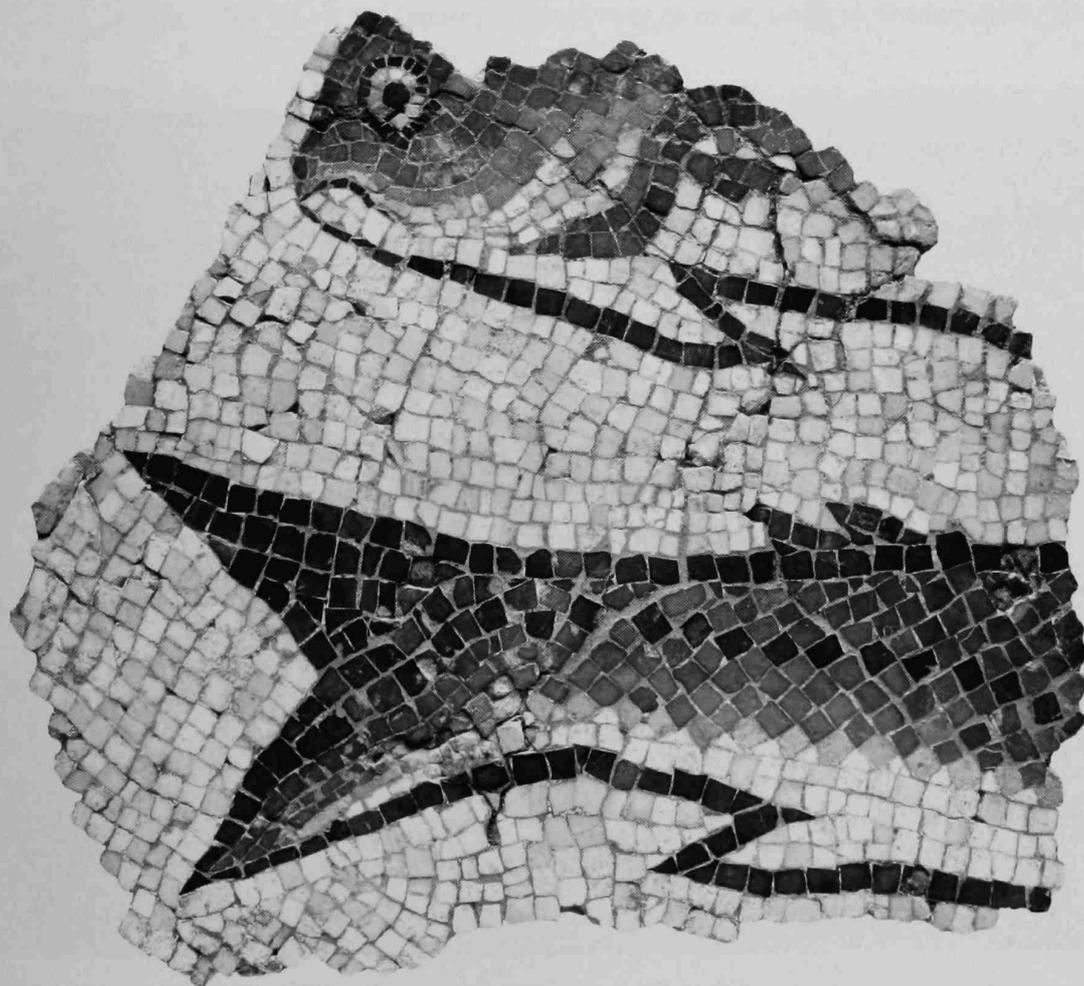


Fig. 21 – MNA, mosaico de Milreu ou Torre d'Ares (?): 2 peixes, n.º inv. 18 706.

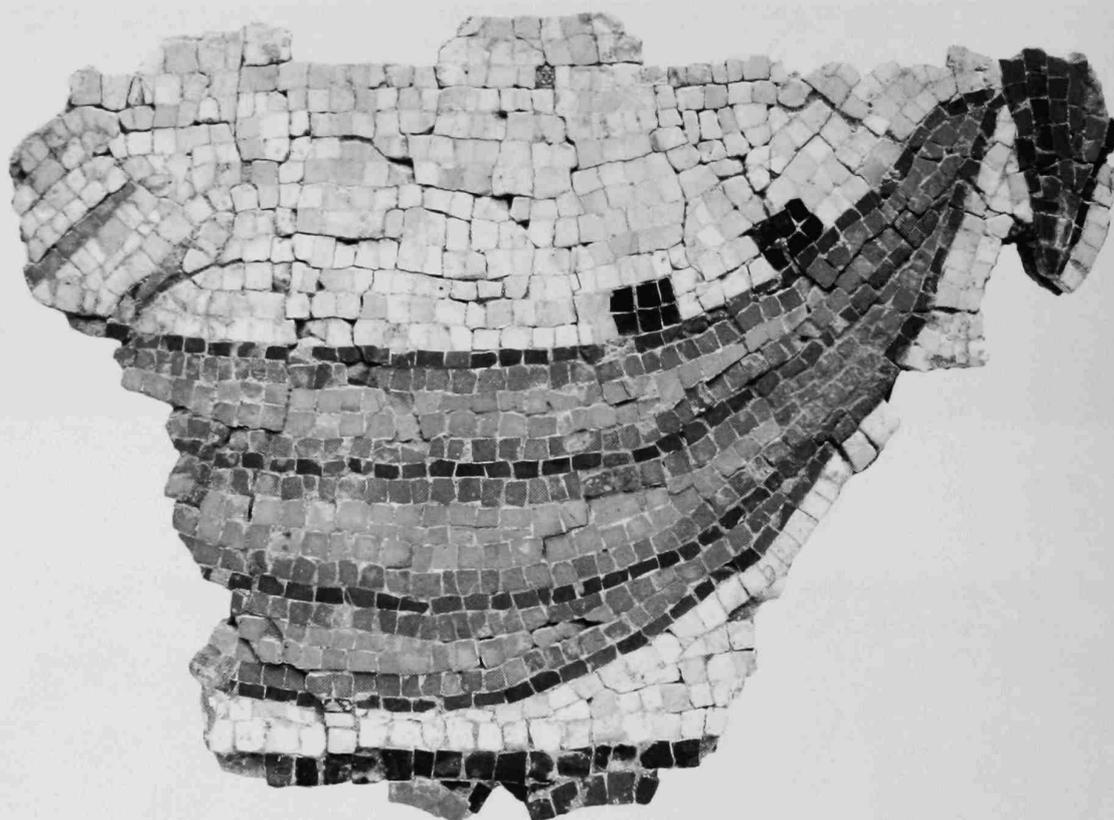


Fig. 22 – MNA, mosaico de Milreu: barco do tipo “vegeiia”-“placida”, n.º inv. 18 701.



Fig. 23 – MNA (arquivo), fotografia histórica por A. M. Xavier de Meirelles, representando um mosaico de Milreu com 2 criaturas marinhas.



Fig. 24 – Milreu, fragmentos de mosaicos do *podium*, lado oeste.



Fig. 25 – Milreu, mosaico do *podium*, lado este.

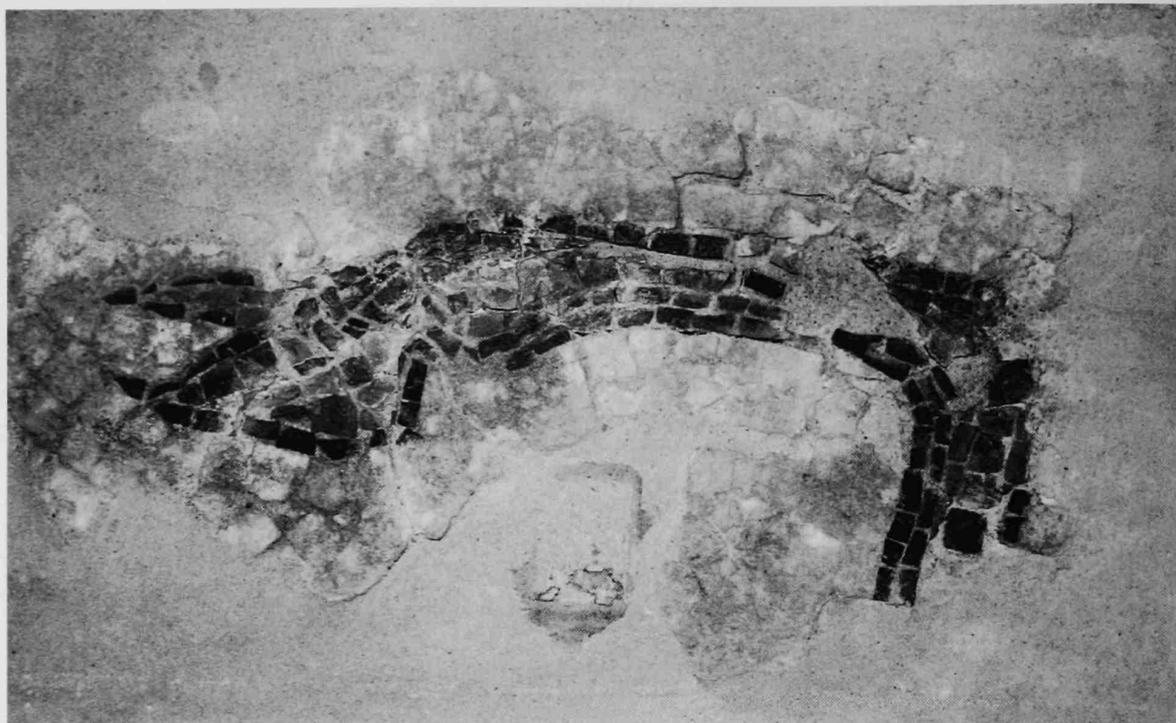


Fig. 26 – Figueira da Foz, Museu Municipal “Dr. Santos Rocha”, mosaico de Milreu: “perna de uma cabra”(?), n.º inv. 1422.



Fig. 27 – Milreu, mosaico do pavimento do peristilo: fauna marinha.

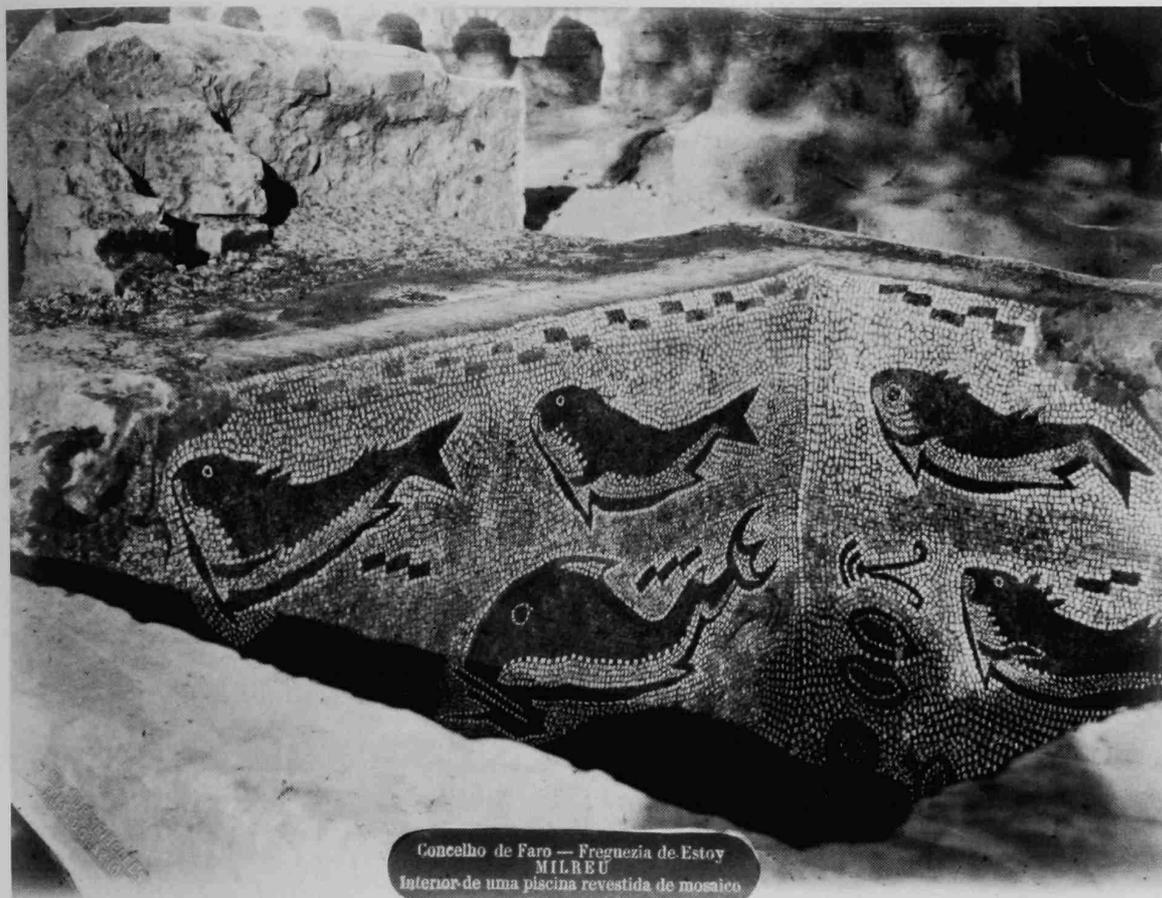


Fig. 28 – MNA (arquivo), fotografia histórica por A. M. Xavier de Meirelles: mosaico dum *frigidarium* das termas de Milreu: fauna marinha.

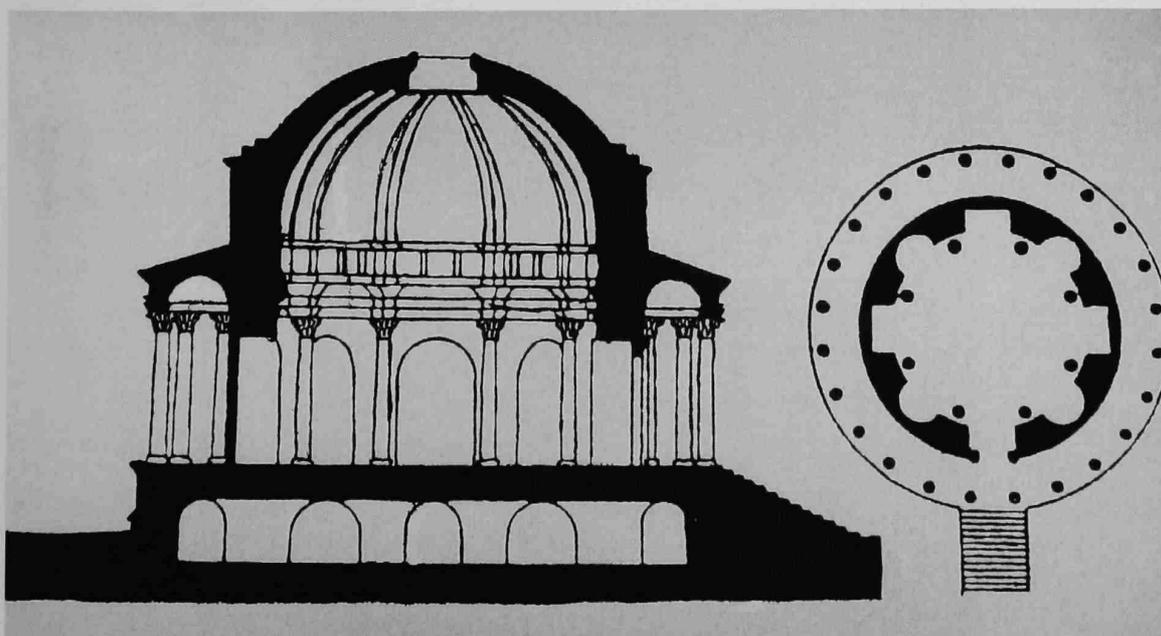


Fig. 29 – Planta do chamado "Tempio di Portuno" em Porto / Fiumicino, perto de Ostia (Itália).



Fig. 30 – A chamada “Tomba di Gallieno” na Via Appia perto de Roma.

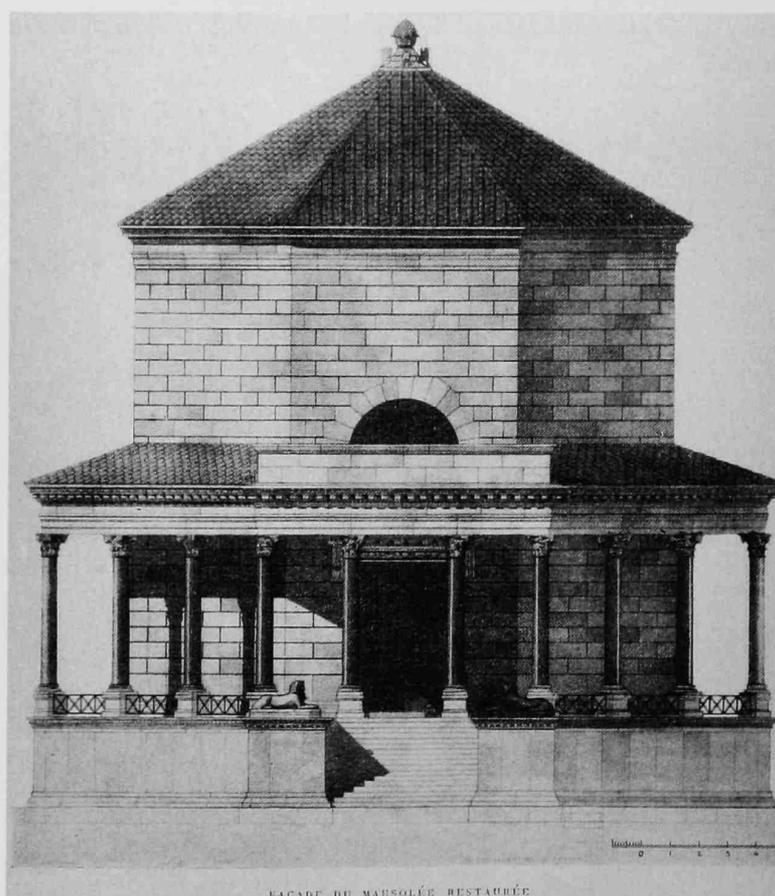


Fig. 31 – Reconstituição do mausoléu do Imperador Diocleciano em Espalato (Croácia).



Fig. 32 – O mausoléu de *Tor de' Schiavi* na Via Praenestina perto de Roma.

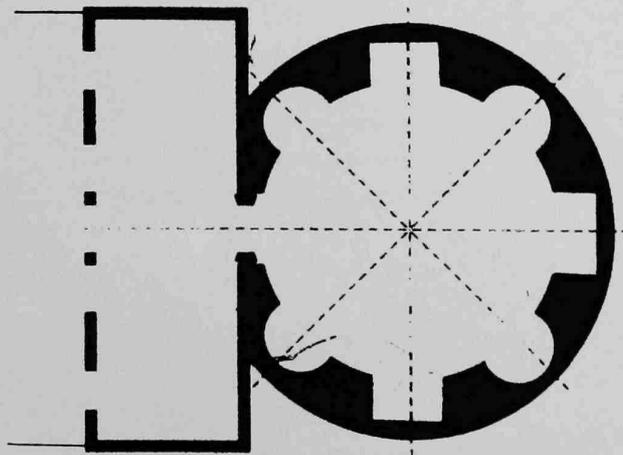
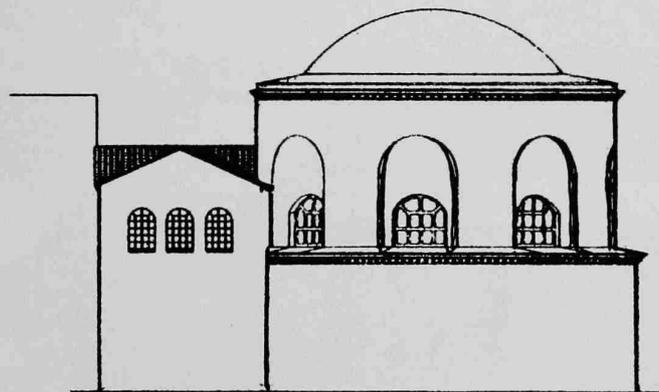


Fig. 33 – O mausoléu de Helena em Roma, reconstituição por J. J. Rasch.



Fig. 36 – Tipasa (Argélia), Museu Arqueológico, sarcófago com criaturas marinhas e Nereides.



Fig. 37 – Roma, Musei Vaticani (Cortile Ottagono), tampa de um sarcófago: golfinho, criatura marinha.



Fig. 38 – Roma, "Tomba dei Valerii", tecto em estuque: criaturas marinhas.



Fig. 39 – Saint-Rémy (França), monumento sepulcral dos *Lullii*, relevos com criaturas marinhas.



Fig. 40 – Sousse (Tunísia), Museu Arqueológico, mosaico da "Tumba de Hermes": peixes, golfinho, âncora.



Fig. 41 – Tarquinia (Itália), “Tomba dei Tori”, pintura etrusca: o morto cavalgando uma criatura marinha para a “ilha dos felizes”.



Fig. 42 – Tarquinia (Itália), “Tomba delle Leonesse”, pintura etrusca: o morto na *cline*, golfinhos, patos.



Fig. 43 – Roma, Museo di Villa Giulia, escultura sepulcral etrusca: o morto cavalgando uma criatura marinha.

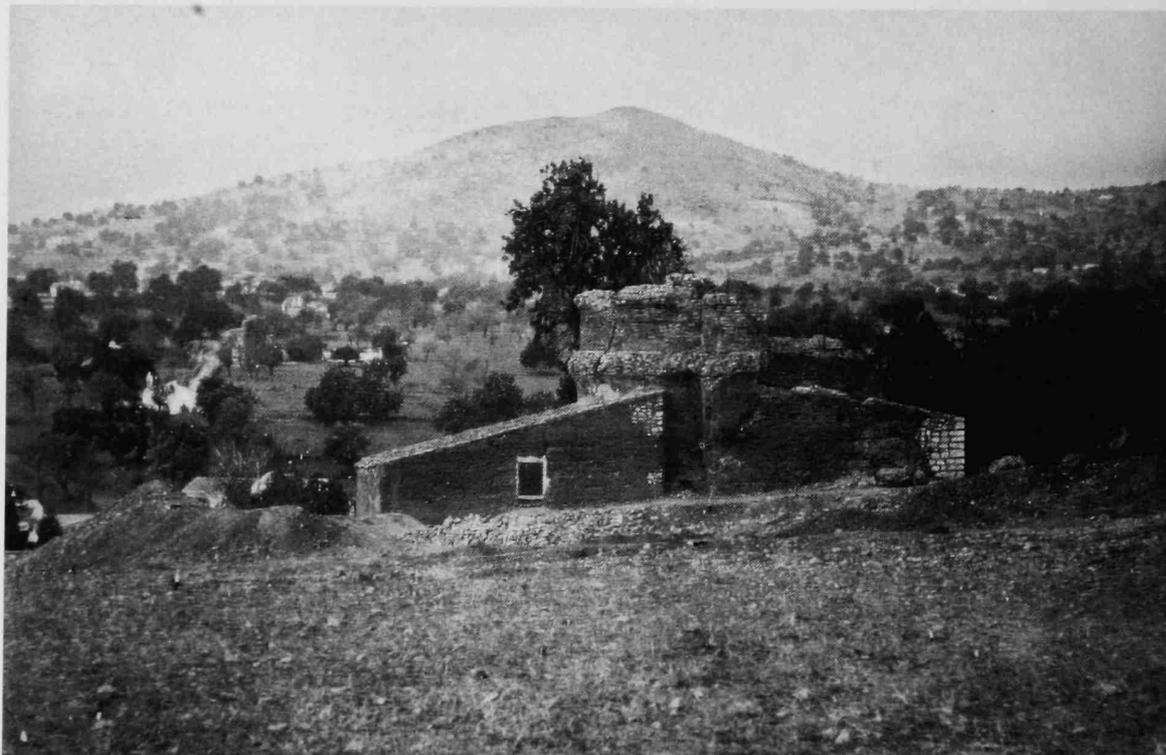


Fig. 44 – MNA (arquivo), fotografia histórica por A. M. Xavier de Meirelles: o edifício da construção central de Milreu no século XIX.

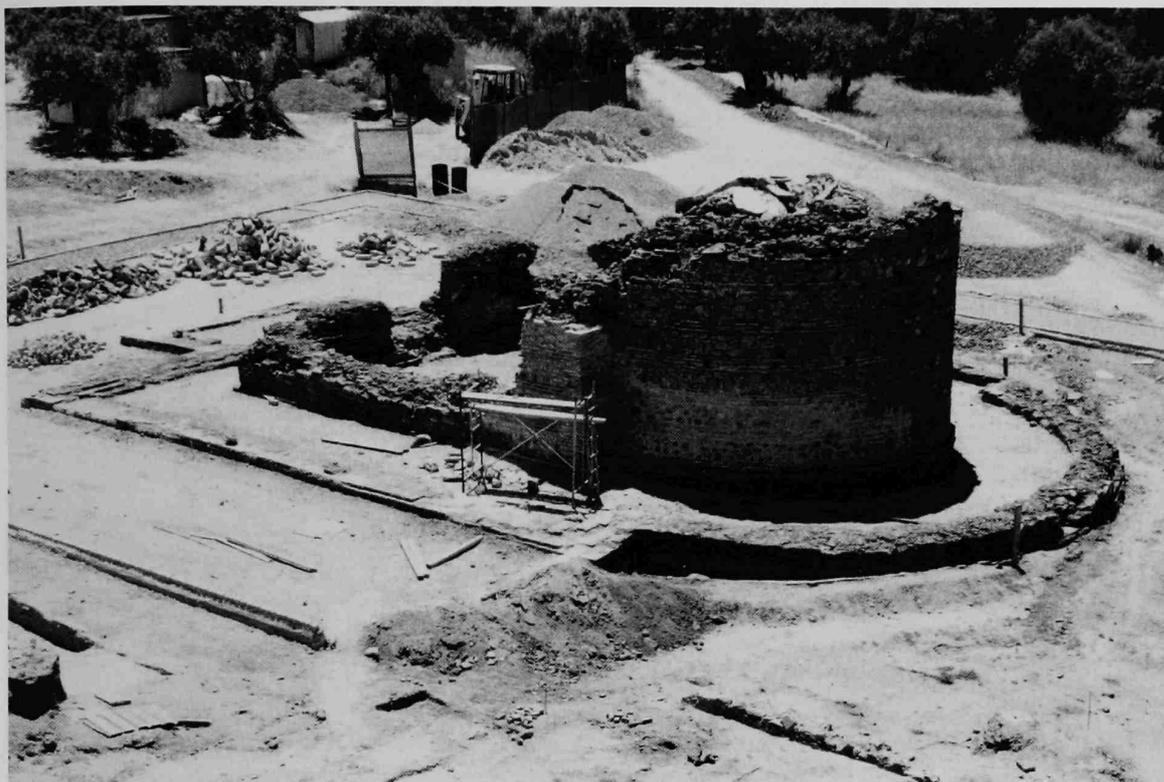


Fig. 45 – O edifício da construção central de São Cucufate.

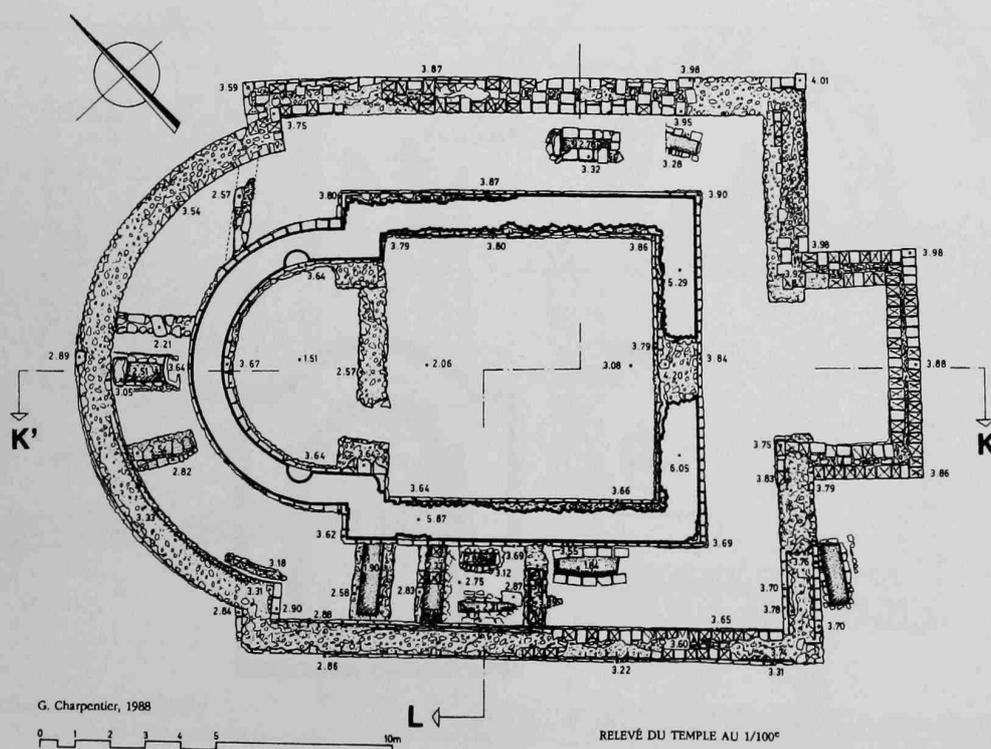


Fig. 46 – Planta do edifício da construção central de São Cucufate, elaborada por G. Charpentier.

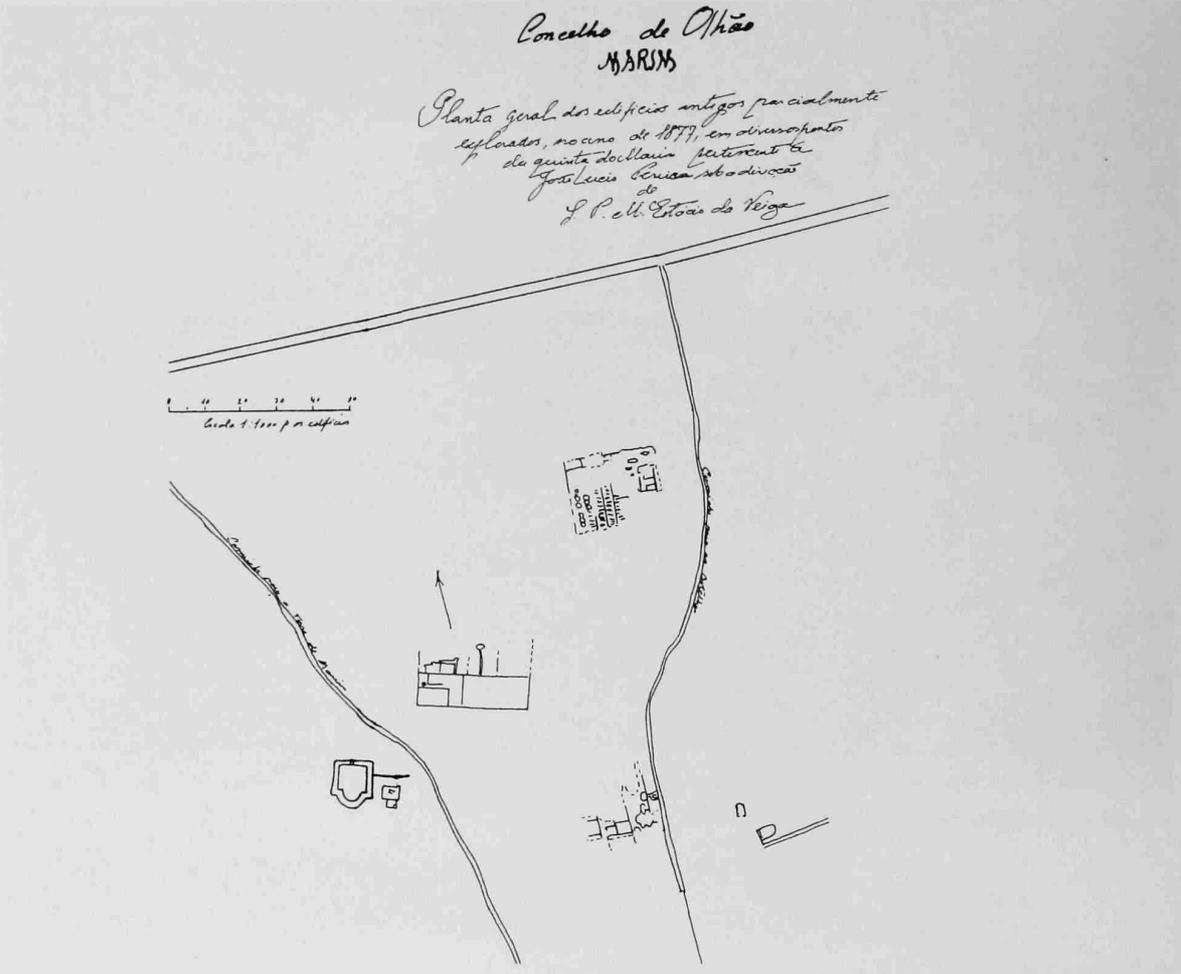


Fig. 47 – MNA (arquivo), esboço das ruínas romanas da Quinta de Marim, elaborado por Estácio da Veiga.

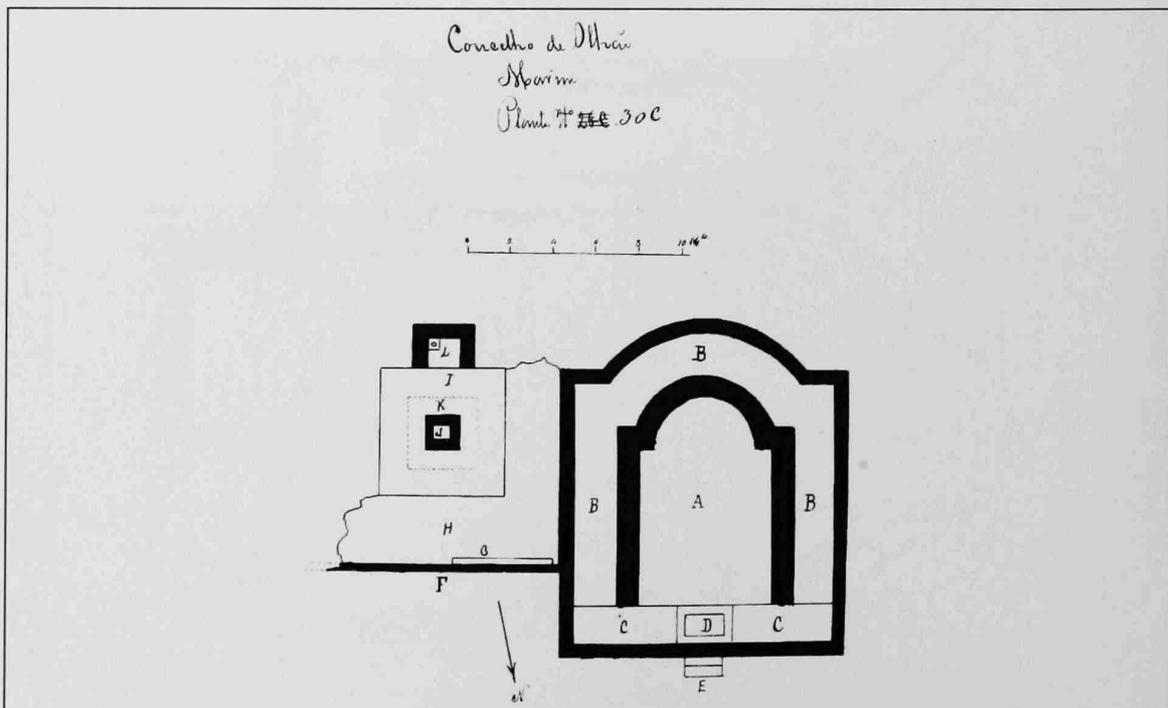


Fig. 48 – MNA (arquivo), planta do edifício da construção central da Quinta de Marim com anexo, elaborada por Estácio da Veiga.



Fig. 49 – O edifício da construção central da Quinta de Marim, vista do Oeste.

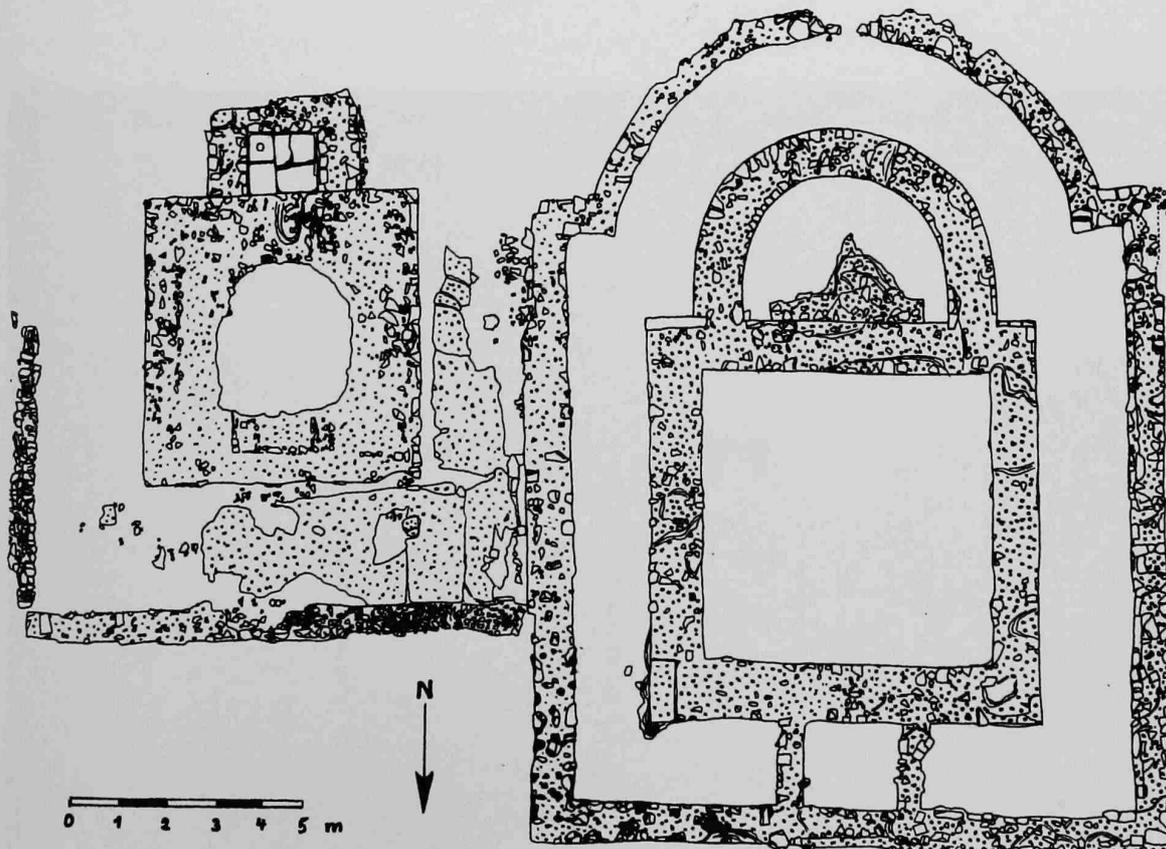


Fig. 50 – Planta (provisória) do edifício da construção central da Quinta de Marim, elaborada por D. Graen.



Fig. 51 – Fragmentos de mosaicos achados nas escavações na Quinta de Marim em 2002.



Fig. 52 – Fragmento de uma placa de bronze achado nas escavações na Quinta de Marim em 2002.

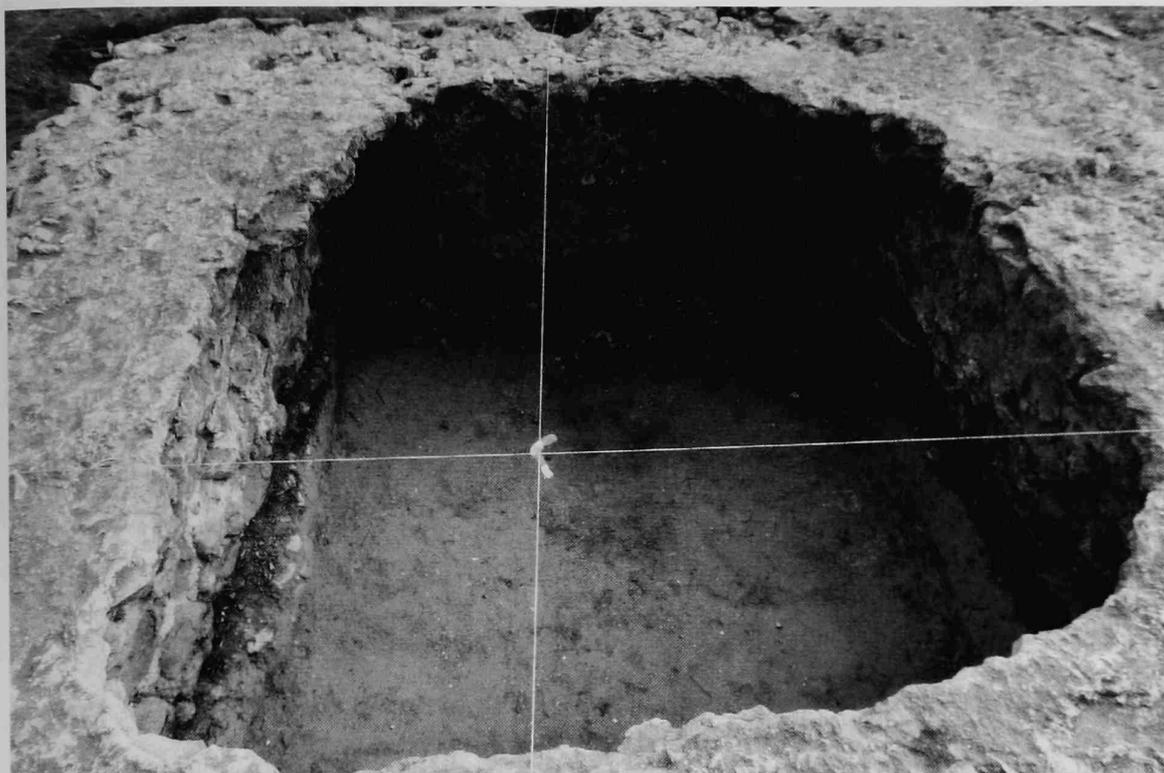


Fig. 53 – Estrutura vizinha do edifício da construção central da Quinta de Marim: um mausoléu.



Fig. 54 – Pequena câmara de tumba, junto ao mausoléu mais pequeno da Quinta de Marim.